

coleção

NOVELAS IMORTAIS

O CLUBE



ROBERT LOUIS STEVENSON

DOS SUICIDAS

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Fernando Sabino

ROCCO EDITORA

Sumário

[Apresentação](#)

[O Clube dos Suicidas](#)

[A história do rapaz com as tortinhas de creme](#)

[A história do médico e do baú de Saratoga](#)

[A aventura do cabriolé](#)

[Créditos](#)

Coleção Novelas Imortais

O CLUBE DOS SUICIDAS
ROBERT LOUIS STEVENSON

organização e apresentação
Fernando Sabino

tradução
Eliana Sabino

Apresentação

Se a arte de contar histórias é a de divertir, ensinar, espantar, arrebatat e manter aceso o interesse do ouvinte, conforme acontecia com as que lhe contava a governanta na sua infância, então Stevenson aprendeu bem a lição. O encantamento com que, em menino, acompanhei as aventuras do seu Capitão Kid na busca do tesouro corresponde à emoção adulta que me despertou o arrepiante confronto entre o bem e o mal travado pelo médico e o monstro, e ao enternecimento que me inspira na maturidade o seu “jardim da infância de versos”.

O curto período de 44 anos que durou sua vida pode não ter sido pontilhado de aventuras sensacionais, como sugeria na época a lenda que ele ajudou a manter. Mas sem dúvida foi uma vida bem agitada, em movimentação incessante por este mundo, apesar dos violentos acessos de hemoptise de que era vítima. A tuberculose foi a sua grande inimiga.

E grande instigadora – a ser verdade que essa doença traz consigo, como determinante da personalidade, uma permanente agitação, uma exacerbada excitação intelectual. São prova disso não só os desconcertantes caminhos que tomou sua vida ao longo das sucessivas viagens, como a elaboração tumultuada de sua numerosa e variada produção literária.

Robert Louis Balfour Stevenson nasceu a 13 de novembro de 1850 em Edimburgo, na Escócia. Pressionado pelo pai, que vinha de uma linhagem de engenheiros navais, começou estudando engenharia e acabou se formando em direito, profissão que nunca chegou a exercer: sua verdadeira vocação era a literatura. O primeiro livro, publicado em 1878, *An Island Voyage* (Uma viagem ao continente), descrevia uma viagem de canoa da França à Bélgica, já renunciando suas deambulações do futuro. Numa passagem por Fontainebleau em 1876, conheceu uma senhora americana, casada, já com dois filhos, onze anos mais velha do que ele, e que nem por isso deixou de lhe despertar uma paixão arrasadora. Acabou se casando com ela na Califórnia em 1880, depois de tumultuado divórcio, apesar das resistências do pai. Em seu livro *The Silverado Squatters* (Os posseiros de Silverado), publicado em 1883, ele descreve as agruras sofridas na sua viagem da Europa até o extremo oeste americano, já com a saúde profundamente abalada. A partir do casamento, percorreu com a mulher várias cidades do continente europeu, buscando um clima ideal para enfrentar a doença que o consumia. Enquanto isso, ia produzindo livros de viagem, ensaios e contos, sem maior sucesso. Em 1881, a partir do desenho de um mapa, havia

inventado para o enteado uma história de piratas, da qual nasceu o seu famoso romance *The Treasure Island* (A ilha do tesouro), publicado em 1883 e lhe trazendo enfim a consagração do público de todo o mundo. Acabou de volta à América, em 1887, internando-se num sanatório em Nova York, onde, coberto de fama, foi recebido como verdadeiro herói. Fama que se consolidara em 1886 com *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (O estranho caso do dr. Jekyll e do sr. Hyde, mais conhecido como O médico e o monstro). Finalmente ele obtinha o reconhecimento do pai, que até então lastimava não fosse o filho engenheiro e repudiava seu casamento.

Melhorando sua saúde, Stevenson comprou um barco e partiu numa viagem errante pelas ilhas dos mares do sul, com o que se iniciava a parte mais exótica de sua vida, descrita nos livros que se seguiram. Acabou se fixando com a família na ilha de Upolu, onde construiu uma grande mansão no alto do morro. Dali passou a se envolver na política dos nativos da região, pelos quais acabou sendo reverenciado como um verdadeiro deus branco. Com notoriedade estabelecida no mundo inteiro, publicou em 1886 *Kidnapped* (Raptado) e sua continuação *David Balfour* em 1893. No dia 3 de dezembro de 1894, depois de ditar durante algumas horas para a mulher o romance *Weir of Herminston* (O açude de Herminston), considerado sua obra-prima, sem outro aviso ele deu um grito, levando a mão à cabeça, e caiu fulminado por uma hemorragia cerebral. Ao fim, não foi a tuberculose que o matou.

Durante um tempo prevaleceu entre a crítica especializada uma tendência a desdenhar os trabalhos de ficção de Stevenson como desleixados, e considerá-los sem maior importância literária. Era um preconceito advindo do sucesso popular. Preconceito do qual não partilhava seu confrade e amigo Henry James, a deduzir-se pela interessantíssima correspondência com ele trocada, e que invejava a aceitação que sua obra alcançara por parte do público. Consideravam fruto de afetação o seu sucesso como homem de letras romântico e aventureiro. Era alto, magro, de longos cabelos negros e olhos negros ainda mais longos. Com o tempo, entretanto, esta imagem se esvaneceu (inclusive fisicamente: era um feixe de ossos ao morrer) e ficou a do autor de uma das mais palpitantes e renovadoras obras da literatura universal.

Haveria motivos para considerar desleixada na sua concepção a novela aqui apresentada, não fosse apenas aparente o desentrosamento das duas partes entre si e destas com o surpreendente desfecho. Na realidade, além de levantar os costumes da época através de ambientes e personagens, conduzindo a ação com admirável desenvoltura, o que fez Stevenson, nesta sua verdadeira extravagância literária, foi antecipar-se ao moderno romance policial, precursor de uma vertente que passou por criações como as de Sherlock Holmes, Raffles ou Arsène Lupin, para desaguar em criadores que vão de Edgard Wallace a Graham Greene na Inglaterra, Simenon na França, Dashiell Hammett e Raymond Chandler nos Estados Unidos. Esta será, talvez, uma das maiores qualidades de *O clube dos suicidas* – pelo menos

aos olhos dos aficionados do gênero, entre os quais me incluo.

Quanto à tradução, dando-me por suspeito, ousou dizer apenas que confiei a uma profissional competente, e que Eliana Sabino soube se sair bem da tarefa, com um trabalho digno do original.

FERNANDO SABINO

1986

O CLUBE DOS SUICIDAS



A história do rapaz
com as tortinhas de creme

Enquanto morou em Londres, o fabuloso Príncipe Florizel, com seu jeito simpático e sua admirável generosidade, conquistou o afeto de todas as classes sociais. Era considerado um homem extraordinário, mesmo que pouco se soubesse a respeito dele. Embora fosse, em circunstâncias normais, de temperamento plácido, acostumado a aceitar o mundo tão filosoficamente quanto qualquer camponês, o Príncipe da Boêmia não deixava de apreciar uma vida mais aventureira e excêntrica do que aquela a que estava destinado. Às vezes, quando ficava de mau humor, quando não havia uma peça engraçada em qualquer dos teatros de Londres, quando a estação do ano não lhe permitia um dos esportes em que sempre vencida todos os competidores, ele convocava seu confidente e estribeiro-mor, o Coronel Geraldine, e ordenava que se preparasse para um passeio noturno. O estribeiro-mor era um jovem oficial de temperamento corajoso, até mesmo temerário; recebia a notícia com satisfação e corria a preparar-se. Longa experiência e variado conhecimento da vida deram-lhe uma habilidade única em matéria de disfarces; ele conseguia adaptar não apenas o rosto e a postura, mas a voz e quase que os pensamentos, aos de qualquer classe, caráter ou nacionalidade; assim, desviava a atenção que seria dedicada ao príncipe, e às vezes conseguia que os dois fossem admitidos em estranhas sociedades. As autoridades civis nunca ficaram sabendo dessas aventuras; a coragem imperturbável de um e o raciocínio rápido e a cavalheiresca devoção do outro já os tinham livrado de muitos perigos; e à medida que o tempo passava eles ficavam mais confiantes.

Certa noite de março, uma forte chuva de granizo levou-os a entrar num Oyster Bar, nas proximidades de Leicester Square. O Coronel Geraldine estava vestido e caracterizado como uma pessoa ligada à imprensa e de situação financeira precária; o príncipe, como sempre, disfarçara-se com costeletas falsas e um par de enormes sobranceiras, que lhe davam um ar desganhado e embrutecido: o mais perfeito disfarce para uma pessoa de seu refinamento. Assim equipados, o comandante e seu assistente bebericavam em segurança um conhaque com soda.

O bar estava cheio de fregueses – homens e mulheres; embora mais de uma pessoa tenha conversado com nossos aventureiros, nenhuma conversa prometia tornar-se interessante. Ali havia apenas o retrato das agruras da vida em Londres e o lugar-comum da decadência, e o príncipe já começara a bocejar e a cansar-se de toda a excursão, quando a porta foi empurrada com violência e um rapaz entrou no bar, seguido por dois criados. Cada um carregava uma grande bandeja de tortinhas de creme sob uma coberta, que imediatamente removeram; e o rapaz percorreu o bar oferecendo tortas a cada um, insistindo para que aceitassem com uma cortesia exagerada. Às vezes a oferta era aceita com risadas; às vezes rejeitada com firmeza, até mesmo com rispidez. Nesse caso o recém-chegado sempre comia o doce ele mesmo, com um comentário mais ou menos bem-humorado.

Finalmente abordou o Príncipe Florizel.

– Senhor – disse, com uma respeitosa mesura, oferecendo a tortinha

entre o polegar e o indicador –, daria esta honra a um desconhecido? Responsabilizo-me pela qualidade da iguaria, pois desde as cinco horas já comi duas dúzias e mais três.

– Tenho por hábito dar menos importância à natureza do oferecimento do que ao espírito em que ele é feito – replicou o príncipe.

– O espírito, senhor, é de zombaria – retrucou o rapaz com outra mesura.

– Zombaria? – repetiu Florizel. – E de quem pretende zombar?

– Não estou aqui para expor minha filosofia – respondeu o outro –, mas para distribuir estas tortinhas de creme. Se eu lhe disser que de todo o coração incluo a mim mesmo no ridículo da transação, espero que considere sua honra satisfeita, e que condescenda. Se não o fizer, irá me obrigar a comer a vigésima oitava, e confesso estar farto dessa ocupação.

– Sinto-me comovido – respondeu o príncipe –, e tenho muita vontade de livrá-lo desse dilema, mas com uma condição: se meu amigo e eu comermos suas tortas, coisa para a qual nenhum de nós dois tem qualquer inclinação natural, vamos esperar que, como recompensa, o senhor jante em nossa companhia.

O rapaz pareceu refletir.

– Ainda disponho de várias dúzias – declarou finalmente. – Isso me obriga a visitar vários outros bares antes de dar por terminado meu negócio. Vai demorar um pouco; se os senhores estão com fome...

O príncipe interrompeu-o com um gesto educado:

– Meu amigo e eu vamos acompanhá-lo – disse. – Estamos desde já muito interessados nesse seu modo tão agradável de passar a noite. E agora que já estabelecemos as condições para a paz, permita que eu assine o tratado, em nome de ambos.

– E o príncipe comeu a tortinha com grande elegância.

– Deliciosa – declarou.

– Percebo que o senhor é um conhecedor – replicou o rapaz.

O Coronel Geraldine da mesma forma apreciou o doce; e tendo todos no bar aceitado ou recusado o oferecimento, o rapaz das tortinhas de creme levou-os para outra taverna. Os dois empregados, que pareciam estar acostumados com esse absurdo trabalho, seguiam atrás; o príncipe e o coronel fechavam o cortejo, de braços dados, sorrindo um para o outro. Nessa ordem o grupo visitou dois outros estabelecimentos, onde ocorreram cenas semelhantes às já descritas: algumas pessoas recusavam e outras aceitavam as cortesias daquela gentileza boêmia e o rapaz comia ele próprio cada torta recusada.

Ao deixarem o terceiro bar, o rapaz verificou seu estoque: sobravam-lhe apenas nove tortinhas, três em uma bandeja e seis na outra.

– Senhores, não quero atrasar sua ceia – declarou, dirigindo-se a seus dois novos seguidores. – Tenho certeza absoluta de que estão com fome. Acho que lhes devo uma consideração especial, e nesta grande data para mim, quando encerro uma carreira de loucuras com um gesto de rematada tolice, desejo agir direito para com todos os que me derem apoio.

Cavalheiros, não esperem mais. Embora minha saúde esteja abalada por antigos excessos, arriscando minha vida porei término à circunstância que nos serve de obstáculo.

Com estas palavras ele foi enfiando na boca as nove tortinhas restantes e engolindo cada uma com um único movimento. Voltou-se então para os serviçais e deu-lhes algumas moedas de ouro.

– Devo agradecer-lhes a paciência extraordinária – disse.

E dispensou-os, com uma reverência a cada um. Durante alguns segundos manteve os olhos fixos na bolsa de onde tinha tirado o dinheiro com que pagara os empregados; então, com uma risada, jogou-a no meio da rua e declarou estar pronto para jantar.

Dirigiram-se a um pequeno restaurante francês no Soho, que durante algum tempo desfrutara de reputação exagerada mas já começava a ser esquecido. Em um aposento privado no segundo andar, os três companheiros jantaram com muita elegância e beberam três ou quatro garrafas de champanhe, conversando sobre assuntos gerais. O rapaz estava alegre e falante, porém ria mais alto do que seria natural em uma pessoa de educação esmerada; as mãos tremiam violentamente e a voz tomava inflexões súbitas e surpreendentes, que pareciam escapar ao seu controle. A sobremesa fora retirada, e todos os três tinham acendido seus charutos, quando o príncipe dirigiu-se a ele com estas palavras:

– O senhor certamente perdoará minha curiosidade. O que até agora conheci de sua pessoa agradou-me muito, porém desconcertou-me ainda mais. Embora eu deteste parecer indiscreto, devo dizer-lhe que meu amigo e eu somos pessoas dignas de confiança. Nós mesmos temos muitos segredos, que estamos continuamente revelando a ouvidos impróprios. E se, como imagino, sua história é tola, o senhor não precisa envergonhar-se de nós, que somos dois dos maiores tolos da Inglaterra. Meu nome é Godall, Theophilus Godall; meu amigo é o Major Alfred Hammersmith; pelo menos é este o nome pelo qual ele prefere ser conhecido. Passamos a vida inteira à procura de aventuras extravagantes; e não há extravagância com a qual não simpatizamos.

– Gosto do senhor – replicou o rapaz. – O senhor me inspira confiança, sr. Godall, e não tenho a mais leve objeção ao seu amigo major, que imagino ser um nobre disfarçado. Pelo menos tenho certeza de que não é um soldado.

O coronel sorriu a esse elogio à perfeição de sua arte; e o rapaz continuou, mais animado:

– Existem inúmeras razões para eu não lhes contar minha história; talvez seja justamente essa a razão por que vou contá-la. Pelo menos, os senhores parecem tão bem preparados para ouvir uma história de tolices que não tenho coragem de decepcioná-los. Meu nome, apesar de seu exemplo, prefiro guardar para mim. Minha idade não é importante para a narrativa, meus ancestrais não são de origem nobre e deles herdei a habitação muito conveniente que ainda ocupo e uma renda de trezentas libras por ano. Acho que me legaram também um temperamento estouvado,

e meu maior divertimento tem sido satisfazê-lo. Recebi uma boa educação. Toco violino quase suficientemente bem para ganhar dinheiro na orquestra de um teatro barato, mas não tão bem. O mesmo se aplica à flauta e à trompa francesa. Aprendi o suficiente de whist para perder umas cem libras por ano nesse jogo científico. Meu conhecimento do francês foi suficiente para me permitir gastar dinheiro em Paris com quase a mesma facilidade com que gasto em Londres. Em resumo: sou uma pessoa cheia de talentos varonis. Tive toda sorte de aventuras, inclusive um duelo sem motivo algum. Há apenas dois meses conheci uma senhorita inteiramente adequada a meu gosto, de mente e de corpo. Meu coração derreteu-se; vi que finalmente encontrara meu destino e estava prestes a me apaixonar. Mas quando fui verificar o que restava do meu capital, descobri que ele consistia em algo menos que quatrocentas libras! Sinceramente, eu pergunto aos senhores: um homem que se respeita pode se apaixonar com quatrocentas libras? Concluí que certamente não podia; abandonei minha amada e, acelerando ligeiramente o ritmo de meus gastos, cheguei hoje de manhã às últimas oitenta libras. Essa quantia dividi em duas partes iguais: quarenta libras reservei para um propósito particular; as quarenta restantes eu deveria gastar até a noite. Passei um dia muito divertido, vivi várias proezas além daquela das tortinhas de creme que me proporcionou o prazer de conhecê-los, pois estava decidido, como lhes disse, a levar uma carreira de tolices a um fim ainda mais tolo; e quando os senhores me viram jogar a bolsa na rua, as quarenta libras haviam terminado. Agora me conhecem tão bem quanto eu mesmo; um tolo, porém coerente em sua tolice; e, acreditem, nem choramingas, nem covarde.

O próprio tom dessa declaração deixava claro que o rapaz mantinha pensamentos amargos e hostis acerca de si mesmo. Seus ouvintes foram levados a imaginar que o romance lhe tocara o coração, mais do que ele admitia, e que ele tinha algum plano em relação à própria vida. A farsa das tortinhas começou a ter a aparência de uma tragédia disfarçada.

– Ora, não é estranho que nós três tenhamos nos encontrado por mero acaso, em uma cidade tão grande quanto Londres, estando os três na mesma situação? – comentou Geraldine, com um olhar para o Príncipe Florizel.

– Como? – exclamou o rapaz. – Os senhores também estão arruinados? Este jantar também é uma loucura, como minhas tortinhas de creme? Será que o demônio juntou três dos seus para uma última celebração?

– O demônio, pode ficar certo disso, às vezes consegue fazer coisas muito cavalheirescas – retrucou o Príncipe Florizel. – Fiquei tão impressionado por esta coincidência que, embora não estejamos exatamente na mesma situação, vou colocar um fim a essa disparidade. Que seu heroico gesto ao dispor das últimas tortinhas de creme seja meu exemplo.

Assim falando, o príncipe pegou a bolsa e tirou um pequeno rolo de notas.

– Sabe, estou mais ou menos uma semana atrasado, mas pretendo alcançá-lo, e empataremos na linha de chegada – continuou. – Isto basta para pagar a conta – declarou, colocando uma das notas sobre a mesa. – Quanto ao resto...

Jogou no fogo o rolo de notas, que foram consumidas em uma única labareda.

O rapaz tentou deter-lhe o braço; tarde demais, pois a mesa se interpunha entre eles.

– Infeliz! – bradou. – Não devia ter queimado tudo! Devia ter guardado quarenta libras!

– Quarenta libras? – repetiu o príncipe. – Por que, em nome dos céus, quarenta libras?

– Por que não oitenta? – perguntou o coronel. – Tenho certeza de que havia pelo menos cem naquele rolo.

– Ele só precisava de quarenta libras – disse o rapaz em tom melancólico. – Sem elas não se pode entrar. O regulamento é rígido: quarenta libras para cada um. Vida amaldiçoada, em que um homem sem dinheiro não pode sequer morrer!

O príncipe e o coronel se entreolharam.

– Explique-se – pediu o último. – Ainda tenho uma carteira razoavelmente bem fornida, e não preciso dizer com que boa vontade dividiria meu dinheiro com Godall. Mas tenho que saber com que propósito; o senhor precisa nos contar o que pretende.

O rapaz pareceu despertar; olhou pouco à vontade um e outro, e seu rosto enrubescou profundamente.

– Não estão me enganando? – perguntou. – São realmente homens arruinados, como eu?

– Quanto a mim, sou mesmo – respondeu o coronel.

– E eu já lhe dei a prova – disse o príncipe. – Quem, senão um homem arruinado, jogaria seu dinheiro no fogo? O ato fala por si mesmo.

– Um homem arruinado... sim – respondeu o outro, cheio de suspeita – ou então um milionário.

– Basta, senhor – disse o príncipe. – Eu disse o que sou, e não estou acostumado a ver minha palavra posta em dúvida.

– Arruinado? – repetiu o rapaz. – O senhor está arruinado, como eu? Terá o senhor chegado, depois de uma vida de prazeres, ao ponto em que só pode se permitir mais uma coisa? Será que o senhor – sua voz baixava de volume à medida que continuava a falar – vai se permitir esse último prazer? Vai evitar as consequências de sua tolice, seguindo o único caminho fácil e infalível? Vai fugir à lei através da única porta aberta?

Repentinamente ele se interrompeu e tentou rir.

– À sua saúde! – exclamou, esvaziando a taça. – E boa noite para os senhores, meus alegres arruinados.

O Coronel Geraldine pegou-o pelo braço quando ele se preparava para levantar-se.

– Falta-lhe confiança em nós, mas está enganado – disse. – A todas

as suas perguntas respondo afirmativamente. Mas não sou tão tímido, e sei falar claramente o inglês da Rainha. Nós também, como o senhor, já nos cansamos da vida, e estamos decididos a morrer. Mais cedo ou mais tarde, juntos ou sozinhos, pretendemos procurar a morte e desafiá-la. Já que nos conhecemos, e seu caso é urgente, que seja esta noite, imediatamente, e, se o senhor quiser, os três juntos. Um trio tão sem vintém deveria entrar de braços dados no reino de Plutão e dar uns aos outros algum apoio entre as sombras!

Geraldine acertara exatamente os modos e o tom que cabiam ao papel que estava representando. O próprio príncipe perturbou-se, e olhou para seu confidente com certa dúvida. Quanto ao rapaz, o rubor voltou-lhe forte ao rosto, e os olhos faiscaram.

– Os senhores são os homens que procuro! – exclamou, com uma alegria quase assustadora. – Vamos selar o acordo com um aperto de mãos! – (Sua mão era fria e úmida.) – Os senhores mal sabem em que companhia vão iniciar a viagem! Mal imaginam quão afortunado foi para os senhores o momento em que aceitaram minhas tortinhas de creme! Sou apenas uma unidade, mas uma unidade dentro de um exército. Conheço a porta privativa da Morte; sou um de seus íntimos, e posso introduzi-los na eternidade sem cerimônias e sem escândalos.

Os outros rogaram-lhe ansiosamente que explicasse o que queria dizer.

– Os senhores conseguem arranjar oitenta libras? – perguntou.

Geraldine consultou ostensivamente a carteira, e respondeu de modo afirmativo.

– Seres afortunados! – exclamou o rapaz. – Quarenta libras é o preço da entrada para o Clube dos Suicidas.

– O Clube dos Suicidas? – repetiu o príncipe. – Ora, que diabo é isso?

– Escutem – disse o rapaz. – Estamos na era das facilidades, e vou lhes contar o último requinte. Temos negócios em lugares diferentes, por isso inventou-se a ferrovia. As ferrovias infalivelmente nos separam dos amigos, por isso inventou-se o telégrafo, para que possamos comunicar-nos rapidamente através de longas distâncias. Temos até elevadores nos hotéis para nos poupar várias centenas de degraus. Ora, sabemos que a vida é apenas um palco onde representamos o papel de bufões enquanto isso nos divertir. Faltava ao conforto moderno uma facilidade: uma maneira decente e fácil de sairmos do palco; a escada dos fundos para a liberdade; ou, como disse antes, a porta privativa da Morte. Essa, meus companheiros de revolta, é fornecida pelo Clube dos Suicidas. Não pensem que vocês e eu somos únicos, ou mesmo excepcionais, por acalentarmos esse desejo tão razoável. Um grande número de homens, que de coração se cansaram do papel que lhes cabe representar dia após dia durante a vida inteira, só não escapam por causa de certas considerações. Alguns têm famílias, que sofreriam um grande choque, ou mesmo levariam a culpa, se o assunto se tornasse público; outros têm o coração fraco e temem as circunstâncias da morte. Este é, até certo ponto, o meu caso. Não consigo encostar uma

pistola à cabeça e puxar o gatilho; algo mais forte que eu me impede. E embora odeie a vida, não tenho em mim a força suficiente para agarrar a morte e acabar com tudo. Para pessoas como eu, e para todos os que desejam fugir do laço sem escândalos póstumos, foi criado o Clube dos Suicidas. Como isso foi feito, qual a sua história, quais possam ser suas ramificações em outros países, não sei informar; e aquilo que sei, não estou autorizado a revelar. No entanto, até este ponto estou à disposição dos senhores: se estão realmente cansados da vida, posso levá-los a uma reunião esta noite. E, se não esta noite, pelo menos ainda esta semana, os senhores estarão libertos de sua existência. Agora são – consultou o relógio – onze horas; às onze e meia, no mais tardar, teremos que sair daqui, de modo que os senhores dispõem de meia hora para estudar minha proposta. É mais séria do que uma tortinha de creme – acrescentou, com um sorriso. – E imagino que muito mais apetitosa.

– Mais séria, certamente – retrucou o Coronel Geraldine. – E por ser tão séria, o senhor me permite cinco minutos de conversa em particular com meu amigo, o sr. Godall?

– Nada mais justo – respondeu o rapaz. – Se me permitem, vou me retirar.

– Muita gentileza sua – disse o coronel. Assim que ficaram a sós...

– Para que esta confabulação, Geraldine? – perguntou o Príncipe Florizel. – Vejo que está perturbado, ao passo que eu tomei minha decisão tranquilamente: vou até o fim.

– Alteza – falou o coronel, empalidecendo. – Deixe-me pedir que leve em consideração a importância de sua vida, não apenas para seus amigos, mas para a causa pública. “Se não esta noite”, disse aquele maluco; mas vamos supor que esta noite aconteça uma desgraça irremediável com a pessoa de Vossa Alteza; qual não seria o meu desespero, e a consternação de uma grande nação?

– Vou até o fim – repetiu o príncipe, no seu tom mais decidido –, e tenha a bondade, Coronel Geraldine, de ter em mente e respeitar sua palavra de cavalheiro. Sob nenhuma circunstância, lembre-se, sem minha autorização especial, você deverá trair o disfarce que decidi adotar. Estas foram minhas ordens, que neste momento reitero. E agora – acrescentou –, por favor, peça a conta.

O Coronel Geraldine curvou-se, submisso; mas seu rosto estava muito pálido enquanto ele chamava de volta o rapaz das tortinhas de creme e dava instruções ao garçom. O príncipe manteve sua imperturbável calma, e descreveu para o jovem suicida, com muito entusiasmo e graça, uma comédia do Palais Royal. Evitava ostensivamente os olhares suplicantes do coronel; e escolheu outro charuto com um cuidado maior que o habitual. Na verdade, ele era o único do grupo que conseguia controlar os nervos.

A conta foi paga, sendo que o príncipe deixou todo o troco para o atônito garçom; e os três partiram em uma carruagem de aluguel. Não demorou até que parassem à entrada de um beco escuro, onde saltaram.

Depois que Geraldine pagou a corrida, o rapaz dirigiu-se ao Príncipe

Florizel nos seguintes termos:

– Ainda há tempo, sr. Godall, de fugir de volta para a escravidão. O senhor também, Major Hammersmith, reflita bastante antes de dar outro passo; e se seu coração disser que não, este é o momento de decidir.

– Vamos em frente, senhor – disse o príncipe. – Não sou pessoa de negar uma coisa dita.

– Sua calma me faz bem – replicou o rapaz. – Nunca vi alguém tão impassível diante desta conjuntura; no entanto, o senhor não é o primeiro a quem eu acompanho até esta porta. Mais de um amigo meu já me precedeu na viagem ao lugar aonde sei que logo devo chegar. Mas isso não interessa aos senhores. Esperem-me aqui por alguns minutos; voltarei assim que tiver tomado as providências para sua admissão.

E o rapaz, acenando para os companheiros, entrou na ruela, abriu uma porta e desapareceu.

– De todas as nossas loucuras, esta é a mais desvairada e a mais perigosa – declarou o Coronel Geraldine em voz baixa.

– Concordo inteiramente – respondeu o príncipe.

– Ainda dispomos de um momento a sós – insistiu o coronel. – Permita-me implorar Vossa Alteza que aproveite a oportunidade e se retire. As consequências deste passo são tão negras, podem ser tão graves, que eu me sinto autorizado em estender um pouco mais a liberdade que Vossa Alteza tem a condescendência de me permitir quando estamos a sós.

– Devo depreender que o Coronel Geraldine está com medo? – perguntou Sua Alteza, tirando o charuto dos lábios e dirigindo ao rosto do outro um olhar penetrante.

– Meu medo certamente não é pessoal – respondeu o coronel com orgulho. – Quanto a isto, Vossa Alteza pode ficar segura.

– É o que eu tinha imaginado – replicou o príncipe, com imperturbável bom humor. – Mas relutei em lembrar-lhe a diferença entre nossas posições. Basta, basta – acrescentou, vendo que Geraldine ia pedir-lhe perdão. – Você está perdoado.

E continuou a fumar placidamente, recostado a uma grade, até o rapaz voltar.

– Bem, nossa recepção está preparada? – perguntou.

– Sigam-me – foi a resposta. – O presidente vai recebê-los no escritório. E permitam-me aconselhar-lhes franqueza em suas respostas. Eu me ofereci como garantia; mas o clube exige um inquérito rigoroso antes de admitir alguém, pois a indiscrição de um único sócio levaria à dissolução de toda a sociedade, para sempre.

O príncipe e Geraldine inclinaram-se um para o outro por um momento. “Confirme quando eu disser isto”, pediu um; “Confirme quando eu disser aquilo”, disse o outro; e audaciosamente tomando para si o caráter de homens a quem os dois conheciam bem, eles depressa chegaram a um acordo e se declararam prontos para seguir seu guia até o escritório do presidente.

Não havia grandes obstáculos a transpor. A porta exterior estava

aberta; a porta do escritório estava entreaberta; e ali, em um aposento pequeno, de teto alto, o rapaz deixou-os mais uma vez.

– Ele logo estará aqui – disse, com um aceno de cabeça, ao sair.

Sons de conversa chegaram até eles através da porta corrediça a um lado do aposento; de vez em quando, o ruído de uma rolha de champagne que saltava, seguido por risadas. Uma janela alta dava para o rio; pela disposição das luzes da margem eles calcularam não estar muito longe da estação de Charing Cross. A mobília era parca, o estofamento gasto; não havia qualquer enfeite a não ser uma sineta no centro de uma mesa redonda, e, pendurados em ganchos ao longo das paredes, chapéus e casacos de um número considerável de pessoas.

– Que espécie de espelunca é esta? – perguntou Geraldine.

– É o que vim descobrir – replicou o príncipe. – Se eles mantêm demônios vivos aqui, a coisa pode ficar interessante.

Nesse momento abriu-se a porta corrediça, não mais do que o suficiente para a passagem de um corpo humano; entraram ao mesmo tempo um ruído mais alto de conversa e o temível presidente do Clube dos Suicidas. Era um homem de cinquenta anos ou mais, corpulento, de movimentos desajeitados, costeletas hirsutas, calvo, olhos cinzentos e baços, que de vez em quando faiscavam. A boca, que abarcava um grande charuto, movia-se continuamente de um lado para outro, enquanto sagaz e friamente examinava os dois desconhecidos. Usava uma roupa de tweed leve, o pescoço muito exposto em um colarinho listrado; e sob o braço levava um livro minúsculo.

– Boa-noite – disse, depois de fechar a porta atrás de si. – Soube que querem falar comigo.

– Nós desejamos, senhor, entrar para o Clube dos Suicidas – respondeu o coronel.

O presidente rolou o charuto na boca.

– Que é isso? – perguntou bruscamente.

– Perdoe-me – retrucou o coronel –, mas creio que o senhor é a pessoa mais bem qualificada para nos dar informações a esse respeito.

– Eu? – exclamou o presidente. – Um clube de suicidas? Ora, ora! É uma piada de Primeiro de Abril? Posso desculpar cavalheiros alegres por beberem demais, mas vamos parar por aqui.

– Chame seu clube do modo que quiser – disse o coronel. – O senhor tem convidados atrás daquelas portas, e nós insistimos em nos juntar a eles.

– Está enganado, senhor – retrucou o presidente em tom ríspido. – Esta é uma casa particular, e os senhores devem deixá-la imediatamente.

O príncipe permanecera quieto em sua cadeira durante esse breve colóquio; mas, quando o coronel o encarou como disesse “Aceite esta resposta e vamos embora, pelo amor de Deus!”, ele retirou o charuto da boca e disse:

– Vim aqui a convite de um amigo seu; ele sem dúvida o informou de minha intenção ao invadir sua festa. Deixe-me lembrar-lhe que uma pessoa

em minhas circunstâncias tem muito pouco a perder e não vai tolerar muita grosseria. Normalmente sou um homem calmo; mas, meu caro, ou o senhor nos ajuda no assunto do qual está ciente, ou vai se arrepender amargamente de ter-me recebido em sua antecâmara.

O presidente riu alto.

– É assim que se fala – disse. – O senhor é um homem de verdade. Conhece o caminho para o meu coração, e pode fazer o que quiser de mim. Será que o senhor poderia afastar-se por um momento? – perguntou a Geraldine. – Vou atender primeiramente o seu amigo, e algumas das formalidades do clube exigem privacidade.

Com essas palavras ele abriu a porta de um cubículo, onde trancou o coronel.

– Acredito no senhor – disse a Florizel, logo que ficaram a sós. – Mas tem plena confiança em seu amigo?

– Não tanta quanto em mim mesmo, embora ele tenha razões mais prementes – respondeu Florizel. – Mas trouxe-o comigo sem hesitar, pois ele sofreu o suficiente para fazer o homem mais persistente do mundo desistir de viver. Há pouco tempo foi expulso do exército por roubar no jogo de cartas.

– Uma boa razão, se me permite dizer – replicou o presidente. – Pelo menos, temos outro no mesmo caso, e nele eu tenho plena confiança. Posso perguntar se o senhor também serviu?

– Sim – foi a resposta. – Mas eu era preguiçoso demais e saí logo.

– Qual é sua razão para estar cansado da vida? – insistiu o presidente.

– Essa mesmo, acho – respondeu o príncipe. – Pura e simples preguiça.

O presidente espantou-se:

– Com os diabos, o senhor deve ter um motivo melhor.

– Não tenho mais dinheiro – acrescentou Florizel. – Sem dúvida isso também é um problema. Eleva minha tendência para a preguiça a um ponto extremo.

O presidente rolou o charuto na boca durante alguns segundos, olhos fixos nos olhos daquele neófito tão incomum; o príncipe aguentou o escrutínio com bom humor.

– Se eu não tivesse muita experiência, mandava-o embora – disse afinal o presidente. – Mas conheço o mundo; pelo menos, o bastante para saber que as mais frívolas razões para um suicídio são com frequência as mais difíceis de suportar. E quando gosto de um homem na hora, como gostei do senhor, prefiro forçar o regulamento a recusá-lo.

O príncipe e o coronel, um após o outro, sujeitaram-se a um interrogatório longo e cuidadoso. O príncipe, sozinho; mas Geraldine na presença do príncipe, de modo que o presidente pudesse observar o rosto de um enquanto o outro era minuciosamente interrogado. O resultado foi satisfatório; o presidente, depois de estudar os detalhes de cada caso, apresentou-lhes um juramento para ser assinado. Nada podia ser

considerado mais passivo do que a submissão prometida, ou mais coercivo do que os termos aos quais o jurador se obrigava. Ao homem que aceitava uma promessa tão horrível não devia restar sequer um farrapo de honra ou qualquer dos consolos da religião. Florizel assinou o documento, não sem sobressalto; o coronel seguiu-lhe o exemplo com ar de grande depressão. Então o presidente recebeu o dinheiro da entrada e sem mais cerimônias levou os dois amigos para o salão de fumar.

O salão de fumar do Clube dos Suicidas tinha a mesma altura do escritório contíguo, mas era muito maior e forrado do chão ao teto de papel de parede que imitava lambris de carvalho. Um alegre fogo na grande lareira e vários bicos de gás iluminavam o ambiente. O príncipe e seu acompanhante elevavam o número dos presentes a dezoito. A maioria fumava e bebia champanhe; reinava uma hilaridade febril, com pausas súbitas e um tanto sinistras.

– Esta é uma reunião completa? – perguntou o príncipe.

– Média – respondeu o presidente. – Aliás, se os senhores têm algum dinheiro, é costume oferecer champanhe. Mantém um espírito elevado, e é uma de minhas pequenas fontes de renda.

– Hammersmith, vou deixar o champanhe a seu cargo – disse Florizel.

Com isso ele se afastou, passando a circular entre os convidados. Acostumado a ser anfitrião nos círculos mais elegantes, encantava e impressionava todos de quem se aproximava; havia algo ao mesmo tempo simpático e intimidante em suas maneiras; e seu extraordinário sangue-frio conferia-lhe ainda outra distinção naquela sociedade de maníacos. Enquanto ia de uma pessoa a outra, ele tinha os olhos e os ouvidos atentos, e logo começou a ter uma ideia geral do ambiente em que se encontrava. Como em todos os lugares de convívio social, um tipo predominava: pessoas na flor da juventude, com todos os sinais de inteligência e sensibilidade em sua aparência, porém com poucos indícios de força ou daquela qualidade que leva ao sucesso. Poucos tinham muito mais de trinta anos, e não poucos ainda não tinham chegado aos vinte. Encostavam-se às mesas, remexiam os pés; às vezes fumavam extraordinariamente depressa, às vezes deixavam o charuto queimar-se; alguns diziam coisas interessantes, mas a conversa de outros era claramente o resultado da tensão nervosa – ambas as atitudes, porém, destituídas de espírito ou propósito. A cada nova garrafa de champanhe aberta, a alegria crescia visivelmente. Apenas duas pessoas estavam sentadas: uma delas, em uma cadeira no recesso da janela, a cabeça pendente e as mãos enfiadas nos bolsos da calça, era um homem pálido, molhado de suor, que não dizia uma só palavra – uma verdadeira ruína de corpo e de alma; a outra estava sentada no sofá perto da lareira, e atraía atenção por uma notável disparidade com o resto. Devia ter por volta de quarenta anos, mas parecia ter dez mais; e Florizel pensou nunca ter visto um homem mais naturalmente hediondo, mais estragado por doenças e por emoções perniciosas. Não mais que pele e osso, era parcialmente paralítico e usava óculos de grau tão forte que os olhos apareciam, através das lentes, aumentados e distorcidos. Além do príncipe

e do presidente, era a única pessoa no salão que mantinha a compostura normal.

Havia pouca decência entre os sócios do clube. Alguns se vangloriavam de atos indignos, cujas consequências os tinham levado a procurar refúgio na morte; outros escutavam sem desaprovação. Havia um acordo tácito contra opiniões moralistas; e quem quer que passasse pelas portas do clube já gozava de algumas das imunidades do túmulo. Brindavam à memória uns dos outros, e à de famosos suicidas do passado. Comparavam e explicavam suas diferentes opiniões sobre a morte, que alguns declaravam ser apenas escuridão e vazio; outros estavam cheios de esperança de que naquela mesma noite estivessem subindo às estrelas e comungando com os mortos.

– À eterna memória do Barão Trenck, o símbolo dos suicidas! – exclamou um. – Ele saiu de uma cela pequena para outra menor, para que pudesse surgir novamente para a liberdade.

– Quanto a mim – disse um segundo –, não quero mais que uma venda nos olhos e algodão nos ouvidos. Só que neste mundo não existe algodão suficientemente espesso...

Um terceiro achava que era preciso ler sobre os mistérios da vida e da morte; um quarto declarava que nunca teria entrado para o clube se não tivesse sido induzido a acreditar no sr. Darwin.

– Não consigo suportar a ideia de descender de um macaco – explicou esse notável suicida.

De maneira geral o príncipe decepcionou-se com a postura e a conversa dos sócios.

“Não me parece caso para tanta perturbação”, pensou. “Se um homem resolve matar-se, que o faça, em nome de Deus, como um cavalheiro. Este alvoroço e toda esta conversa são inadequados.”

Enquanto isso, o Coronel Geraldine se via tomado pelos mais negros temores; o clube e seu regulamento ainda eram um mistério, e ele olhou em volta, procurando alguém que pudesse tranquilizá-lo. Nessa busca, seus olhos caíram sobre o inválido de óculos grossos; vendo-o tão sereno, pediu ao presidente, que entrava e saía do salão no desempenho de suas funções, que o apresentasse ao cavalheiro do sofá.

O presidente explicou que dentro do clube essas formalidades eram desnecessárias, mas mesmo assim apresentou o sr. Hammersmith ao sr. Malthus.

O sr. Malthus lançou ao coronel um olhar curioso, depois convidou-o a sentar-se à sua direita.

– O senhor acaba de chegar, e deseja informações? – perguntou. – Então veio à pessoa certa. Dois anos atrás visitei pela primeira vez este clube maravilhoso.

O coronel respirou com mais facilidade. Se o sr. Malthus frequentava o lugar havia dois anos, pouco perigo haveria para o príncipe em uma única noite. Mas Geraldine não deixou de se espantar, e começou a suspeitar de alguma farsa.

– Como, dois anos? – exclamou. – Pensei que... Mas estou vendo que fui objeto de uma brincadeira.

– De modo algum – replicou o sr. Malthus. – Meu caso é diferente. Para falar a verdade, não sou um suicida, e sim um sócio honorário, por assim dizer. Raramente visito o clube mais que uma vez por mês. Minha doença e a generosidade do presidente me proporcionaram essas pequenas imunidades, pelas quais, além disso, pago uma taxa extra. Mesmo assim, minha sorte tem sido extraordinária.

– Infelizmente terei que lhe pedir que seja mais explícito – disse o coronel. – O senhor não deve se esquecer de que meu conhecimento das regras deste clube ainda é muito incompleto.

– Um sócio comum, que vem procurar a morte, como o senhor – explicou o paralítico –, volta todas as noites, até que a sorte o favoreça. Mesmo se estiver sem vintém, ele recebe do presidente casa e comida; muito confortável, acredito, embora sem luxos; e não poderia mesmo haver luxo, levando-se em conta a exiguidade, se é que posso me expressar assim, da subscrição. Além disso, a própria companhia do presidente é por si só um luxo.

– Realmente? – fez Geraldine. – A mim ele não impressionou muito.

– Ah! – exclamou o sr. Malthus. – É que o senhor não o conhece. Uma pessoa surpreendente! Que histórias! Que cinismo! Tem uma enorme experiência da vida e, cá entre nós, é com certeza o bandido mais corrupto de toda a Cristandade!

– Ele também é permanente, como o senhor? Espero que não se ofenda com a minha pergunta.

– Sim, ele é permanente, mas em um sentido muito diferente de mim – respondeu o sr. Malthus. – Eu fui generosamente poupado, mas finalmente devo partir. Ora, ele nunca joga; apenas embaralha e dá as cartas, e faz os preparativos necessários. Esse homem, meu caro sr. Hammersmith, é de uma engenhosidade sem par. Há três anos vem desempenhando em Londres esse ofício tão útil e, acho que posso acrescentar, artístico; jamais surgiu sequer uma sugestão de suspeita. Eu, por mim, acho que ele é inspirado. O senhor sem dúvida se recorda daquele famoso caso, há seis meses, do cavalheiro que foi envenenado acidentalmente dentro de uma farmácia? Aquela foi uma de suas invenções menos ricas e audaciosas; mas que simplicidade, que segurança!

– O senhor me deixa atônito – confessou o coronel. – Aquele infeliz cavalheiro era... – esteve prestes a dizer “uma vítima”; porém, lembrando-se a tempo, emendou: – ... sócio do clube?

No mesmo pensamento ocorreu-lhe que o próprio sr. Malthus não empregava o tom de quem está apaixonado pela morte; e apressou-se a acrescentar:

– Mas vejo que ainda ignoro muita coisa. O senhor falou em embaralhar e dar as cartas; posso perguntar com que propósito? E como não parece desejoso de morrer, devo confessar que não atino com o motivo que o traz aqui.

– O senhor tem razão ao dizer que ignora muita coisa – replicou o sr. Malthus, com mais ânimo. – Ora, meu caro, este clube é o templo da embriaguez. Se minha saúde frágil pudesse suportar esta excitação com mais frequência, pode ter certeza de que eu viria mais vezes. É preciso todo o meu senso de disciplina, nascido de uma vida inteira de saúde fraca e regime cuidadoso, para me fazer evitar excessos nesta minha última libertinagem, se é que posso me expressar assim. Eu as experimentei todas, meu senhor – continuou, colocando a mão no braço de Geraldine –, sem exceção, e declaro, por minha honra, que não há uma só que não tenha sido grosseira e mentirosamente superestimada. As pessoas brincam com o amor; ora, eu me recuso a dizer que o amor é uma paixão forte. O medo é a única paixão forte; é com o medo que deve brincar quem deseja experimentar a intensa alegria de viver. Inveja-me, inveja-me, senhor – acrescentou, com uma risadinha –, pois sou um covarde!

Geraldine mal conseguiu reprimir um movimento de repulsa por aquele deplorável infeliz; conteve-se com esforço, e continuou com as perguntas:

– E como é que a excitação é tão arditosamente prolongada, senhor? Existe algum elemento de incerteza?

– Devo contar-lhe como é escolhida a vítima de cada noite – retrucou o sr. Malthus. – E não apenas a vítima, mas também outro sócio, que será o instrumento nas mãos do clube, o sumo sacerdote da morte.

– Meu Deus! – exclamou o coronel. – Então eles se matam uns aos outros?

– Dessa maneira resolve-se o problema do suicídio – assentiu Malthus.

– Céus! – fez o coronel. – Então o senhor pode... eu posso... e o... meu amigo... qualquer um de nós pode ser escolhido esta noite para ser o assassino do corpo e do espírito imortal de outro homem? Uma coisa dessas pode ser possível entre homens que se dizem animais racionais? Oh, infâmia das infâmias!

Estava prestes a erguer-se, horrorizado, quando deparou com o olhar preocupado do príncipe, que o encarava do outro lado do salão; no mesmo instante Geraldine recuperou a compostura.

– Afinal de contas, por que não? – acrescentou. – E, já que o senhor afirma que o jogo é interessante, vogue la galère; irei em frente!

O sr. Malthus divertira-se imensamente com o espanto e a repulsa do coronel. Tinha a vaidade dos maus; comprazia-se em ver outro homem ceder a um impulso generoso, ao passo que ele próprio se sentia, em sua absoluta corrupção, superior a tais emoções.

– Agora, passado o primeiro momento de surpresa, o senhor está em posição de apreciar as delícias dessa nossa sociedade – disse ele. – Verá que aqui se combinam a excitação da mesa de jogos, a do duelo e a do anfiteatro romano. Os pagãos sabiam viver, e admiro bastante o refinamento deles; mas cabia a um país cristão chegar a este extremo, esta quintessência, esta comoção absoluta. O senhor compreenderá como parecem insípidos os outros divertimentos a um homem que aprendeu a

gostar deste aqui. O nosso jogo é de extrema simplicidade – continuou. – Um baralho completo... mas vejo que estamos prestes a começar. O senhor me daria o braço? Infelizmente sou semiparalítico.

Realmente, no instante em que o sr. Malthus começava sua descrição, abriu-se outro par de portas corrediças e todos se dirigiram, não sem alguma pressa, para o aposento contíguo. Este era semelhante ao anterior, porém mobiliado de forma diferente. O centro era ocupado por uma longa mesa verde, à qual se sentava o presidente, embaralhando com muito cuidado as cartas que tinha nas mãos. Mesmo com a bengala e com o braço do coronel, o sr. Malthus caminhava com tanta dificuldade que todos já estavam sentados quando os dois, mais o príncipe, que esperava por eles, entraram no salão; em consequência, os três tomaram lugares juntos, no fim da mesa.

– É um baralho de cinquenta e duas cartas – sussurrou o sr. Malthus. – Preste atenção no ás de espadas, que é o signo da morte, e no ás de paus, que designa o agente desta noite. Jovens afortunados! – exclamou. – Têm bons olhos e podem acompanhar o jogo. Ai de mim, não consigo distinguir um ás de um dois do outro lado da mesa.

Assim dizendo, ele equipou-se com um segundo par de óculos.

– Posso pelo menos observar os rostos – explicou.

O coronel pôs rapidamente o amigo a par de tudo que aprendera com o sócio honorário, e da horrível alternativa diante deles. O príncipe sentiu um frio mortal e uma contração no peito; engoliu com dificuldade, e olhou de um lado para outro como um homem preso em um labirinto.

– Um golpe de audácia, e ainda poderemos escapar – sussurrou o coronel.

Mas a sugestão serviu apenas para devolver o sangue-frio ao príncipe.

– Silêncio! – ordenou. – Mostre-me que pode jogar como um cavalheiro, por mais séria que seja a aposta.

E olhou em volta, mais uma vez com aparência tranquila, embora o coração lhe batesse com força e ele sentisse um desagradável calor no peito. Os sócios mostravam-se silenciosos e atentos; todos estavam pálidos, mas nenhum tão pálido quanto o sr. Malthus. Ele tinha os olhos saltados e movia a cabeça descontroladamente; levou as mãos à boca, uma após a outra, e pôs-se a beliscar os lábios trêmulos e acinzentados. Era óbvio que o sócio honorário divertia-se de maneira bem excêntrica.

– Atenção, senhores! – pediu o presidente.

Começou a distribuir as cartas, esperando até que cada homem tivesse virado a sua. Quase todos hesitavam; às vezes viam-se os dedos de um jogador se embaraçarem ao tentar virar aquele decisivo retângulo de cartolina. À medida que se aproximava a vez do príncipe, ele se via tomado por uma excitação crescente, quase sufocante; mas ele possuía algo da natureza de um jogador, e reconheceu, com espanto, que também havia certo prazer em suas sensações. Recebeu o nove de paus; o três de espadas caiu para Geraldine e a rainha de copas para o sr. Malthus, que não conseguiu reprimir um soluço de alívio. O rapaz das tortinhas de creme

logo depois virou o ás de paus. Ficou paralisado de horror, a carta presa entre os dedos – não viera para matar, mas para ser morto; e o príncipe, em sua generosa solidariedade, quase se esqueceu do perigo que ainda pairava sobre si e seu amigo.

O presidente iniciou a segunda volta, e a carta da Morte ainda não surgira. Os jogadores prendiam a respiração, inalando em espasmos. O príncipe recebeu outra carta de paus; Geraldine, uma de ouros; mas quando o sr. Malthus virou sua carta, um ruído horrível, como de algo que se quebra, escapou-lhe da boca; pôs-se de pé e tornou a sentar-se, sem qualquer sinal da paralisia. Era o ás de espadas; o sócio honorário tinha brincado demais com seus terrores.

Imediatamente todos se puseram a conversar. Os jogadores relaxaram as posturas rígidas e começaram a deixar a mesa, voltando para o outro salão em grupos de dois ou três. O presidente espreguiçou-se e bocejou, como quem termina um dia de trabalho duro. Mas o sr. Malthus permaneceu sentado, a cabeça entre as mãos reclinada sobre a mesa, bêbado e imóvel – como um objeto derrubado.

O príncipe e Geraldine retiraram-se imediatamente. Ao ar frio da noite, redobrou o horror do que tinham presenciado.

– Que tragédia, estar preso a um juramento! – exclamou o príncipe. – Ter que permitir que esse comércio de assassinos continue a dar lucro impunemente! Se ao menos eu ousasse quebrar minha promessa...

– Isto é impossível para Vossa Alteza, cuja honra é a honra da Boêmia – replicou o coronel. – Mas eu ouso, e devo, quebrar a minha.

– Geraldine, se sua honra for atingida em qualquer das aventuras a que eu o levo, não apenas nunca o perdorei, mas também, e acho que isso vai sensibilizá-lo mais, nunca perdorei a mim mesmo.

– Acato a decisão de Vossa Alteza – respondeu o coronel. – Agora podemos sair deste maldito lugar?

– Sim. Chame um carro de aluguel, pelo amor de Deus, e deixe-me tentar esquecer no sono a lembrança das desgraças desta noite.

Mas a verdade é que antes de partir ele leu cuidadosamente o nome da ruela.

No dia seguinte, assim que o príncipe despertou, o Coronel Geraldine levou-lhe um jornal com o seguinte parágrafo assinalado:

“Trágico Acidente – Esta madrugada, por volta das duas horas, o sr. Bartholomew Malthus, residente em Chepstow Place, nº 16, Westbourne Grove, voltando de uma festa em casa de um amigo, caiu por cima do parapeito superior da Trafalgar Square, fraturando o crânio e quebrando uma perna e um braço. A morte foi instantânea. O sr. Malthus, acompanhado de um amigo, procurava um carro de aluguel no momento da tragédia. Como o sr. Malthus já sofrera um derrame, presume-se que sua queda tenha sido ocasionada por outro ataque. O infeliz cavalheiro era muito conhecido nos círculos mais respeitáveis, e sua perda será profundamente lamentada por todos.”

– Se alguma vez uma alma viajou diretamente para o inferno, foi a

daquele aleijado! – exclamou Geraldine.

O príncipe escondeu o rosto nas mãos, sem responder.

– Quase fico feliz em saber que ele está morto – continuou o coronel.
– Mas confesso que meu coração sangra pelo rapaz das tortinhas de creme.

– Geraldine, aquele infeliz ontem à noite era tão inocente quanto você ou eu – disse o príncipe, erguendo o rosto. – E hoje ele tem na alma a culpa de uma morte. Quando penso no presidente, meu coração se aperta. Não sei como isso deve ser feito, mas, tão certo quanto há um Deus no céu, eu vou acabar com aquele bandido. Que experiência, que lição, foi aquele jogo de cartas!

– Uma experiência para jamais ser repetida – declarou o coronel.

O príncipe demorou a responder, e Geraldine assustou-se.

– Vossa Alteza não pode estar pensando em voltar lá! – exclamou. – Já sofreu demais, já viu demasiado horror.

Os deveres de sua alta posição proíbem a repetição de um risco como esse.

– Você tem certa razão – respondeu o príncipe. – Não estou inteiramente satisfeito com minha decisão. Sob asroupagens do maior dos potentados, o que existe, senão apenas um homem? Nunca senti minha fraqueza tão agudamente quanto agora, Geraldine, mas ela é mais forte que eu. Posso deixar de me interessar pela sorte do pobre rapaz que jantou conosco há algumas horas? Posso deixar que o presidente siga sem empecilhos sua carreira nefasta? Posso começar uma aventura tão fascinante e não segui-la até o fim? Não, Geraldine; você está pedindo ao príncipe mais do que o homem é capaz de fazer. Esta noite, mais uma vez, tomaremos nossos lugares à mesa do Clube dos Suicidas.

O Coronel Geraldine caiu de joelhos.

– Vossa Alteza quer tirar minha vida? – exclamou. – É sua, ofereço-a sem condições; mas por favor não me peça para aprovar um risco tão terrível.

– Coronel Geraldine, sua vida é absolutamente sua – replicou o príncipe, com certa irritação. – Pedi apenas sua obediência; se ela me é dada de má vontade, não a pedirei mais. Direi apenas que neste assunto o senhor já foi suficientemente importuno.

O estribeiro-mor levantou-se imediatamente.

– Senhor, posso tirar esta tarde de folga? – perguntou. – Como homem honrado, não ousa aventurar-me pela segunda vez naquela casa fatal sem ter colocado meus negócios em perfeita ordem. Prometo a Vossa Alteza que não haverá mais objeções da parte do mais devotado e grato de seus servos.

– Meu caro Geraldine, sempre me entristeço quando você me obriga a fazer valer minha posição – retrucou o Príncipe Florizel. – Disponha do seu dia como lhe aprouver, mas esteja aqui antes das onze, com o mesmo disfarce.

Nessa segunda noite, o clube não tinta tanta gente; quando Geraldine e o príncipe chegaram, não havia mais que meia dúzia de pessoas no salão

de fumar. Sua Alteza chamou o presidente de lado e cumprimentou-o efusivamente pelo falecimento do sr. Malthus.

– Gosto de pessoas eficientes, e o senhor certamente é uma delas – disse. – Sua profissão é de natureza muito delicada, mas percebo que o senhor está bem qualificado para conduzi-la com sucesso e discrição.

O presidente, lisonjeado com esses elogios vindos de uma pessoa com a distinção de Sua Alteza, acolheu-os quase com humildade.

– Pobre Malthus! – exclamou. – O clube vai ficar irreconhecível sem ele. A maior parte dos sócios é de jovens, senhor; jovens poetas, ainda por cima, que não são grande companhia para mim. Não que Malthus não tivesse sua poesia também, mas do tipo que eu conseguia entender.

– Posso bem imaginar que o senhor simpatizasse com o sr. Malthus – replicou o príncipe. – Ele me pareceu um homem muito original.

O rapaz das tortinhas de creme estava presente, mas bastante deprimido e silencioso. Seus companheiros tentavam em vão levá-lo a conversar.

– Como eu desejo amargamente nunca ter trazido os senhores a este lugar infame! Partam, enquanto têm as mãos limpas. Se pudessem ter ouvido o velho gritar ao cair, e o ruído de seus ossos na calçada! Se são capazes de sentir pena de um ser tão decaído, desejem que eu esta noite receba o ás de espadas!

Alguns outros sócios apareceram mais tarde, mas o clube não reunia mais que uma dúzia quando todos se sentaram em volta da mesa. O príncipe tornou a perceber certa alegria misturada ao seu medo; e espantou-se ao ver Geraldine tão mais controlado que na véspera.

“É extraordinário como o simples ato de fazer o testamento pode influenciar tanto o espírito de um jovem”, pensou.

– Atenção, senhores! – pediu o presidente, começando a distribuir as cartas.

Três vezes elas deram a volta à mesa sem que as duas cartas marcadas tivessem aparecido. No início da quarta volta, a excitação imperava. Havia cartas suficientes para mais uma volta completa. O príncipe, que era o segundo à esquerda do presidente, receberia a penúltima carta. Um jogador recebeu um ás preto – o ás de paus. O seguinte recebeu uma carta de ouros; o outro, uma de copas, e assim por diante; o ás de espadas ainda não surgira. Finalmente Geraldine, sentado à esquerda do príncipe, recebeu sua carta: um ás, mas de copas.

Quando o Príncipe Florizel viu seu destino sobre a mesa à sua frente, o coração imobilizou-se. Era um homem corajoso, mas o suor começou a pingar de seu rosto: havia exatamente cinquenta chances em cem de que estivesse condenado. Virou a carta: era o ás de espadas. Um tumulto tomou conta de seu cérebro, e a mesa dançou ante seus olhos. Ele ouviu o jogador à direita dar uma risada que soava entre a alegria e a decepção; viu que o grupo se dispersava rapidamente, mas seu cérebro estava tomado por outros pensamentos. Reconheceu que seu comportamento tinha sido tolo, criminoso: em perfeita saúde, na flor dos anos, herdeiro de um trono,

ele arriscara seu futuro e o de um país corajoso e leal.

– Meu Deus! – exclamou. – Perdoe-me!

Com isso, seu espírito desanuviou-se e ele recuperou o autocontrole.

Para sua surpresa, Geraldine tinha desaparecido. Não havia mais pessoa alguma no salão, a não ser seu futuro assassino, em consulta com o presidente, e o rapaz das tortinhas de creme, que se aproximou do príncipe e sussurrou:

– Eu daria um milhão, se o tivesse, pela sua sorte. Enquanto o rapaz se afastava, Sua Alteza não pôde deixar de refletir que teria vendido a oportunidade por uma quantia menor.

A conferência sussurrada chegava ao fim; aquele que recebera o ás de paus saiu do salão com ar decidido, e o presidente, aproximando-se do infeliz príncipe, ofereceu-lhe sua mão.

– Tive imenso prazer em conhecê-lo, senhor, e em ter podido prestar-lhe este humilde serviço – disse. – Pelo menos não pode se queixar de demora. Na segunda noite, que sorte!

O príncipe tentou em vão dizer algo em resposta, mas sentia a boca seca e a língua parecia paralisada.

– Está se sentindo mal? – perguntou o presidente, solícito. – A maioria sente-se assim. Quer tomar um conhaque?

O príncipe gesticulou em afirmativa, e o outro serviu-lhe imediatamente uma taça.

– Pobre Malthy! – exclamou o presidente, enquanto o príncipe bebia. – Engoliu quase meio litro, e de pouco lhe serviu!

– Sou mais sensível ao tratamento – respondeu o príncipe, revigorado. – Como pode perceber, já estou bem. Sendo assim, deixe-me perguntar: quais são minhas instruções?

– O senhor seguirá pelo Strand na direção do centro da cidade, pela calçada do lado esquerdo, até encontrar o cavalheiro que acabou de sair daqui. Ele vai dar prosseguimento às instruções, e faça o favor de obedecer; por esta noite ele está investido da autoridade do clube. E agora – acrescentou –, eu lhe desejo uma boa caminhada.

Florizel, pouco à vontade, despediu-se e saiu. Passou pelo salão de fumar, onde a maioria dos jogadores ainda bebia champanhe, parte da qual ele mesmo encomendara e pagara; e ficou surpreso ao descobrir que os amaldiçoava intimamente. Colocou o chapéu e o sobretudo, pegou o guarda-chuva. A familiaridade dessas ações, e a ideia de que as desempenhava pela última vez, provocou-lhe uma risada que soou desagradável a seus próprios ouvidos. Relutava em deixar a casa; em vez disso voltou-se para a janela. Ao ver as lâmpadas e a escuridão, recuperou a coragem.

– Vamos, vamos, tenho que ser homem – pensou. – Tenho que partir.

Na esquina da Box Court, três homens caíram sobre o Príncipe Florizel e jogaram-no sem cerimônia dentro de uma carruagem, que no mesmo instante partiu às carreiras. Dentro dela já havia uma pessoa.

– Vossa Alteza perdoará o zelo? – perguntou uma voz conhecida.

O príncipe abraçou o coronel, tomado de alívio.

– Como posso agradecer-lhe? – exclamou. – E como conseguiu fazer isto?

Embora estivesse disposto a enfrentar a morte, ele ficou felicíssimo em ceder à amistosa violência e voltar mais uma vez à vida e à esperança.

– Vossa Alteza pode me agradecer evitando perigos assim no futuro – respondeu o coronel. – Quanto à segunda pergunta, tudo foi preparado da maneira mais simples. Esta tarde procurei um detetive, a quem pedi e paguei sigilo absoluto. Esses homens são criados de Vossa Alteza. A casa da Box Court esteve cercada desde o anoitecer, e esta carruagem, que também pertence a Vossa Alteza, esteve esperando quase uma hora.

– E a miserável criatura que deveria me matar, que foi feito dela? – quis saber o príncipe.

– O rapaz foi agarrado quando saiu do clube, e agora espera sua sentença no Palácio, onde seus cúmplices logo irão juntar-se a ele.

– Geraldine, você se salvou contra minhas ordens explícitas e fez muito bem – declarou o príncipe. – Devo-lhe não apenas a vida, mas também uma lição; e não seria digno de minha posição se não me mostrasse grato. Que seja sua a escolha de como farei isso.

Houve uma pausa, enquanto a carruagem continuava a correr pelas ruas, e os dois homens dedicaram-se a seus próprios pensamentos. O silêncio foi rompido pelo Coronel Geraldine.

– Vossa Alteza tem no momento um grupo considerável de prisioneiros. Há entre eles pelo menos um criminoso a quem deveria ser feita justiça. Nosso juramento nos proíbe de recorrer à lei; e a discrição nos imporia a mesma proibição, se o juramento fosse anulado. Posso perguntar quais são as intenções de Vossa Alteza?

– Já está decidido – respondeu Florizel –, o presidente deve morrer em duelo. Só falta designar seu adversário.

– Vossa Alteza permitiu-me escolher minha própria recompensa; dar-me-á também permissão de pedir que meu irmão seja designado? É um encargo honroso, mas ousa assegurar a Vossa Alteza que o rapaz vai se sair muito bem.

–Você me pede um favor desagradável – respondeu o príncipe –, mas não posso lhe recusar coisa alguma.

O coronel beijou-lhe a mão com grande carinho; nesse momento a carruagem passou sob o pórtico da esplêndida residência do príncipe.

Uma hora mais tarde, Florizel, em sua roupagem oficial e ostentando todas as condecorações da Boêmia, recebeu os sócios do Clube dos Suicidas.

– Homens tolos e perversos! – começou. – Aqueles de vocês que foram levados a esta situação por falta de dinheiro receberão de meus funcionários emprego e remuneração. Aqueles que carregam um sentimento de culpa devem recorrer a um poder mais alto e mais generoso que o meu. Sinto pena de todos vocês, mais do que podem imaginar. Amanhã ouvirei suas histórias; quanto mais franqueza usarem, melhor poderei remediar sua infelicidade. Quanto ao senhor – acrescentou, dirigindo-se ao presidente –,

eu apenas o ofenderia se lhe oferecesse ajuda; em vez disso, tenho algo a lhe propor. – O príncipe colocou a mão no ombro do jovem irmão do Coronel Geraldine. – Eis aqui um oficial que deseja fazer uma viagem pela Europa; peço ao senhor o favor de acompanhá-lo nessa excursão... O senhor atira bem com a pistola? – continuou, mudando de tom. – Porque pode precisar disso; quando dois homens viajam juntos, é melhor estar preparado para tudo. Deixe-me acrescentar que, se por acaso o sr. Geraldine perder-se no caminho, terei sempre outro oficial para colocar à sua disposição; e sou conhecido, senhor presidente, como uma pessoa de visão tão longa quanto os braços.

Com essas palavras, ditas com muita seriedade, o príncipe concluiu seu discurso. Na manhã seguinte os sócios do clube foram auxiliados por sua generosidade, e o presidente partiu em viagem, sob a supervisão do sr. Geraldine e de um par de lacaios fiéis e competentes, bem treinados no serviço da casa do príncipe. Além disso, agentes disfarçados foram colocados em vigia da casa da Box Court, e todas as cartas de visitantes para o Clube dos Suicidas ou seus funcionários seriam examinadas pelo Príncipe Florizel em pessoa.

Aqui (diz meu escritor árabe) termina A HISTÓRIA DO RAPAZ COM AS TORTINHAS DE CREME, que agora é um feliz morador da Wigmore Street, na Cavendish Square. Por motivos óbvios o número da casa não será revelado aqui. Aqueles que desejarem acompanhar as aventuras do Príncipe Florizel e do presidente do Clube dos Suicidas podem ler A HISTÓRIA DO MÉDICO E DO BAÚ DE SARATOGA.

A história do médico e
do baú de Saratoga

O sr. Silas Q. Scuddamore era um jovem americano de temperamento simples e bondoso, o que era ainda mais admirável por ele ser da Nova Inglaterra, um lugar no Novo Mundo que não era exatamente famoso por essas qualidades. Embora fosse imensamente rico, tomava nota de todas as despesas em uma caderneta; e escolhera observar as atrações de Paris do sétimo andar de um hotel barato no Quartier Latin. Em sua avareza havia uma grande parcela de hábito; e sua pureza, que era notável entre seus conhecidos, baseava-se principalmente em timidez e inexperiência.

O quarto contíguo era ocupado por uma senhora de aparência atraente e vestuário elegante, a quem, ao chegar, ele tomara por uma condessa. Com o passar do tempo soube que ela era conhecida pelo nome de Madame Zéphyrine, e que, fosse qual fosse sua posição na vida, não era pessoa de sangue nobre. Provavelmente na esperança de conquistar o jovem americano, Madame Zéphyrine costumava passar por ele na escada com uma mesura elegante, uma palavra casual e um olhar arrasador de seus olhos negros; depois desaparecia em sussurro de sedas, mostrando o pezinho e um tornozelo admirável. Mas essas investidas, longe de encorajarem o sr. Scuddamore, mergulhavam-no nas profundezas da depressão e da timidez. Várias vezes ela viera pedir fósforo ou desculpar-se pelos estragos imaginários feitos por seu poodle, mas ele se calava na presença de um ser tão superior; esquecia prontamente seu francês e conseguia apenas encará-la e gaguejar até ela partir. A debilidade do relacionamento não impedia que ele se vangloriasse com insinuações quando, em companhia masculina, se sentia seguro.

O quarto do outro lado – pois cada andar do hotel tinha três quartos – era ocupado por um velho médico inglês de reputação duvidosa. O dr. Noel, pois este era seu nome, fora obrigado a partir de Londres, onde possuía grande e crescente clientela, e insinuava-se que a causa dessa mudança de cenário tinha sido a polícia. Pelo menos, ele, que quando mais jovem era uma figura elegante, agora andava pelo Quartier Latin com grande simplicidade, sozinho, e dedicava ao estudo grande parte do seu tempo. O sr. Scuddamore era seu conhecido, e de vez em quando os dois jantavam juntos frugalmente em um restaurante do outro lado da rua.

Silas Q. Scuddamore tinha alguns vícios triviais e respeitáveis, e a delicadeza não o impedia de entregar-se a eles de várias maneiras um tanto dúbias. A maior de suas fraquezas era a curiosidade: era um bisbilhoteiro nato, e a vida, principalmente naquilo em que ele não tinha qualquer experiência, interessava-o apaixonadamente. Era um perguntador atrevido e incansável, forçando as perguntas com pertinência e indiscrição; já o tinham visto sopesar uma carta na mão ao levá-la ao correio, estudando cuidadosamente o envelope e o endereço; e ao descobrir um orifício na parede entre seu quarto e o de Madame Zéphyrine, em vez de obstruí-lo, ele o aumentou, usando-o para espionar os relacionamentos da vizinha.

Um dia, no final de março, ele abriu um pouco mais o orifício para poder enxergar outro canto do aposento, pois sua curiosidade crescia à

medida que era satisfeita. Naquela noite, ao inspecionar, como de costume, os movimentos de Madame Zéphyrine, ficou atônito ao descobrir que o buraco tinha sido tapado pelo outro lado de modo muito estranho, e ainda mais confuso ficou quando o obstáculo foi subitamente removido e uma risada zombeteira chegou a seus ouvidos. Evidentemente, um pouco de calíça traíra o segredo de sua espionagem, e a vizinha retribuía o elogio na mesma moeda. O sr. Scuddamore ficou profundamente revoltado; xingou Madame Zéphyrine sem piedade; chegou até a culpar a si mesmo; mas quando descobriu, no outro dia, que ela não tomara qualquer medida para impedir seu passatempo favorito, continuou a aproveitar-se desse descuido para saciar sua vã curiosidade.

No dia seguinte, Madame Zéphyrine recebeu a visita de um homem corpulento, de seus cinquenta anos, que Silas nunca tinha visto. O terno de tweed e a camisa colorida, assim como as costeletas hirsutas, identificavam-no como inglês, e os olhos cinzentos e baços davam a Silas uma sensação de frio. O homem movia a boca de um lado para outro sem cessar, durante toda a conversa, que se processou aos sussurros. Mais de uma vez pareceu ao rapaz da Nova Inglaterra que os gestos deles indicavam seu próprio quarto; mas, apesar de sua total atenção, tudo o que conseguiu foi ouvir o comentário feito pelo inglês em tom mais alto, como se em resposta a alguma oposição ou relutância:

– Estudei detalhadamente o gosto dele, e torno a lhe dizer que você é a única mulher deste tipo que eu consegui encontrar.

Em resposta a isso, Madame Zéphyrine suspirou, como quem se resignava e cedia.

Naquela tarde o observatório foi finalmente inutilizado por um armário que no outro quarto arrastaram para a frente do orifício; Silas ainda se lamentava desse revés, que ele atribuía a uma sugestão malévola do inglês, quando a camareira do hotel trouxe-lhe uma carta de caligrafia feminina. Era formulada em francês de ortografia não muito rigorosa; não levava assinatura, e em termos extremamente encorajadores convidava o jovem americano a apresentar-se no Salão de Baile Bullier às onze horas dessa mesma noite. A curiosidade e a timidez travaram uma longa batalha em seu coração; às vezes ele era todo virtude, às vezes todo fogo e ousadia; e o resultado foi que muito antes das dez o sr. Silas Q. Scuddamore apresentava-se, impecavelmente vestido, à porta do Salão de Baile Bullier, pagando sua entrada com uma sensação de arrojo e aventura não destituída de certo encanto.

Era carnaval, e o baile estava animado. A princípio as luzes e a multidão intimidaram nosso jovem aventureiro; depois, subindo-lhe à cabeça como uma espécie de embriaguez, deram-lhe uma dose de valentia maior do que a normal. Sentia-se disposto a enfrentar até o demônio, e entrou no salão com a pose de um cavalheiro experiente. Enquanto assim desfilava, percebeu Madame Zéphyrine e seu amigo inglês em conferência atrás de uma coluna. O espírito da bisbilhotice dominou-o no mesmo instante, e ele se esgueirou para perto do casal, aproximando-se por trás, até poder ouvir.

– O homem é aquele – dizia o inglês. – Ali, aquele louro de cabelos compridos, conversando com uma moça de verde.

Silas identificou o objeto da conversa: um rapaz bonito, de baixa estatura.

– Está bem – disse Madame Zéphyrine. – Farei o possível. Mas lembre-se, em uma situação como esta qualquer um pode falhar.

– Ora! – exclamou seu companheiro. – Eu garanto o resultado. Não escolhi você entre trinta outras? Vá, mas cuidado com o príncipe. Não consigo entender a maldita coincidência que o trouxe aqui esta noite. Como se não houvesse em Paris um dúzia de bailes muito mais a seu gosto do que esta orgia de estudantes e empregadinhas! Veja como ele se senta, parece mais um imperador em seu trono do que um príncipe em férias!

Silas continuava com sorte; dessa vez identificou um rapaz corpulento, de aparência extremamente bela, postura imponente e jeito simpático, sentado a uma mesa com outro rapaz também bonito, bem mais jovem, que se dirigia a ele com notável deferência. Para Silas, nascido em uma república, um príncipe era uma coisa emocionante, e o aspecto da pessoa a quem se aplicava esse título aumentava ainda mais o encanto. Deixou Madame Zéphyrine e seu parceiro às voltas um com outro e, avançando com dificuldade em meio aos foliões, aproximou-se da mesa que o príncipe e seu confidente tinham honrado com sua escolha.

– Ouça o que lhe digo, Geraldine – pedia o primeiro –, isto é uma loucura. Você mesmo escolheu seu irmão para esta perigosa missão, e tem o dever de vigiar-lhe a conduta. Ele concordou em ficar esses dias em Paris, o que já foi uma imprudência, levando-se em conta o caráter do homem com quem ele está lidando; mas agora, faltando menos de quarenta e oito horas da decisão, eu lhe pergunto: ele deveria estar perdendo tempo neste lugar? Devia estar praticando tiro ao alvo; devia estar dormindo bastante e fazendo exercícios; devia estar seguindo uma dieta rigorosa, sem vinhos brancos e conhaques. Será que ele acha que estamos todos representando uma farsa? Tudo isto é muito sério, Geraldine.

– Conheço o garoto demais para interferir – respondeu o Coronel Geraldine –, e o suficiente para não me alarmar. Ele é mais cuidadoso do que Vossa Alteza imagina, e tem muita coragem. Se se tratasse de mulher, talvez eu não dissesse isto, mas entrego o presidente em suas mãos e nas dos dois serviais sem qualquer apreensão.

– Alegro-me em ouvir isso, mas não fico tranquilo – respondeu o príncipe. – Os serviços são espões bem treinados, e esse pilantra já não conseguiu iludi-los três vezes, passando horas em liberdade, cuidando de seus negócios, provavelmente perigosos? Um amador poderia perdê-lo por acidente; mas se Rudolph e Jérôme foram enganados, só pode ter sido de propósito, da parte de um homem que tem um motivo sério e dispõe de recursos excepcionais.

– Acho que o caso agora é entre meu irmão e eu – respondeu Geraldine, em tom um tanto ofendido.

– Permito que seja assim, Coronel Geraldine – retrucou o Príncipe

Florizel. – Por isso mesmo você deveria aceitar meu conselho. Mas basta. Aquela moça de amarelo dança bem.

E a conversa desviou-se para os assuntos comuns em um salão de baile de Paris em época de carnaval.

Silas recordou-se de onde estava, e do momento, já próximo, em que deveria estar no local do encontro. Quanto mais refletia, menos gostava daquilo; nesse instante um movimento da multidão começou a levá-lo em direção à porta, e ele deixou-se ir sem oferecer resistência. Acabou indo parar em um canto, e de súbito chegou a seus ouvidos a voz de Madame Zéphyrine. Ela falava em francês com o rapaz louro que tinha sido indicado pelo inglês desconhecido.

– Tenho minha reputação a zelar – dizia ela. – Caso contrário não oporia outra condição que não a que meu coração recomenda. Mas você precisa apenas dizer isso ao porteiro, e ele vai deixá-lo entrar sem problemas.

– Mas por que essa conversa de dívida? – quis saber o rapaz.

– Meu Deus! – ela exclamou. – Você acha que não conheço meu próprio hotel?

E os dois se afastaram de Silas, de braços dados carinhosamente.

Vendo isso, Silas lembrou-se da carta.

“Daqui a dez minutos eu posso estar de braços dados com uma mulher tão bonita quanto essa, e até mais bem-vestida; talvez até uma condessa de verdade”, imaginou.

E então lembrou-se da ortografia, e perdeu um pouco do ânimo.

“Mas a carta pode ter sido escrita pela criada”, pensou.

Faltavam poucos minutos para as onze, e aquela proximidade fez com que seu coração se pusesse a bater velozmente de maneira bastante desagradável. Ele refletiu, aliviado, que não era obrigado a se apresentar. A virtude e a covardia se aliaram, e mais uma vez ele tomou a direção da porta, agora por vontade própria, lutando contra a corrente de pessoas que iam em direção oposta. Talvez o esforço o tenha fatigado, ou talvez ele estivesse naquele estado de espírito em que o simples fato de manter a mesma determinação por certo tempo produz uma reação contrária. De qualquer maneira, deu meia-volta pela terceira vez e não sossegou até encontrar um lugar onde se esconder, próximo ao local marcado.

Escondido, passou momentos de agonia, durante os quais várias vezes pediu auxílio a Deus, por conta de sua educação religiosa. Não tinha agora a menor vontade de comparecer ao encontro; a única coisa que o impedia de fugir era o medo tolo de ser considerado maricas; mas esse motivo era tão forte que dominava todo o resto e, se não o obrigava a avançar, pelo menos o impedia de fugir. Finalmente o relógio indicou passarem dez minutos da hora marcada. O ânimo do jovem Scuddamore cresceu; olhou em volta cuidadosamente e viu que o local do encontro estava deserto – sem dúvida a missivista desconhecida cansara-se e partira. Tão corajoso agora quanto antes estava tímido, parecia-lhe que, se comparecesse ao encontro, mesmo atrasado, livrava-se da acusação de covardia. Não, agora ele começava a

suspeitar de uma brincadeira, e chegou mesmo a se felicitar por sua esperteza ao desconfiar e ludibriar os brincalhões. Que tola é a mente de um rapaz!

Armado com essas reflexões, ele avançou corajosamente, mas não tinha dado dois passos quando alguém o segurou pelo braço. Voltou-se e deu com uma senhora de grande porte e fisionomia um tanto imponente, mas sem qualquer indício de severidade em sua aparência.

– Vejo que você é um conquistador seguro de si – disse ela –, pois se faz esperar. Mas eu estava decidida a conhecê-lo. Quando uma mulher chega ao ponto de tomar a iniciativa, ela há muito já deixou para trás as restrições do orgulho.

Silas ficou desorientado com o tamanho e as atrações de missivista e a rapidez com que caíra sobre ele, mas ela logo o deixou à vontade. Era muito avançada e liberal em seu comportamento; levava-o a dizer galanteios e depois o aplaudia; e em muito pouco tempo, entre lisonjas e um farto consumo de conhaque quente, ela não apenas o induzira a julgar-se apaixonado, como também a declarar sua paixão com a maior veemência.

– Ai de mim! – ela exclamou. – Não sei se não deveria deplorar este momento, por maior que seja o prazer que suas palavras me fazem sentir. Até agora eu sofria sozinha; agora, pobre rapaz, seremos dois a sofrer. Não sou dona de mim. Não ousou convidá-lo a visitar-me em minha casa, pois sou vigiada por olhos ciumentos. Acontece que sou mais velha que você, ainda que bem mais fraca; embora confie em sua coragem e determinação, devo empregar minha experiência da vida para nosso benefício mútuo. Onde é que você mora?

Ele contou-lhe que morava no hotel; deu o nome da rua e o número.

Ela pareceu refletir durante alguns minutos.

– Certo – disse finalmente. – Você será fiel e obediente?

Silas lhe assegurou com veemência que podia contar com sua fidelidade.

– Amanhã à noite, então – continuou ela, com um sorriso encorajador.

– Você ficará em casa a noite toda; se algum amigo for visitá-lo, despache-o imediatamente, sob o pretexto que achar mais conveniente. A portaria é fechada às dez horas?

– Às onze – respondeu Silas.

– Saia de casa às onze e quinze – prosseguiu a dama. – Peça apenas que lhe abram a porta, e cuide de não conversar com o porteiro; isso poderia abragar tudo. Vá direto à esquina dos Jardins de Luxemburgo com o Boulevard; eu estarei lá aguardando você. Espero que siga exatamente minhas instruções; lembre-se, se falhar em uma só delas, vai causar sérios problemas a uma mulher cuja única culpa é ter conhecido e amado você.

– Não consigo entender a necessidade de tudo isso – objetou Silas.

– Acho que você já está começando a me tratar como se fosse meu dono! – exclamou ela, dando-lhe tapinhas no braço com o leque. – Paciência, paciência, isso ainda demora um pouco. A mulher adora ser obedecida no

princípio, embora mais tarde tenha prazer em obedecer. Faça o que eu lhe peço, por Deus, ou nada feito. Aliás, pensando bem – acrescentou, como quem acabasse de ter uma ideia –, tenho um plano melhor para manter a distância qualquer visitante inoportuno: diga ao porteiro que não quer receber pessoa alguma, a não ser alguém que talvez venha receber uma dívida; e fale com sentimento, como se estivesse com medo dessa visita, para que ele se impressione.

– Acho que você pode confiar em minha capacidade de me proteger contra intrusos – retorquiu ele, o orgulho ferido.

– É assim que eu prefiro que seja feito – ela declarou com frieza. – Conheço os homens; vocês não ligam para a reputação da mulher.

Silas enrubescceu e baixou a cabeça; seus planos futuros incluíam vangloriar-se daquela conquista.

– O mais importante é não falar com o porteiro, quando sair.

– Por quê? Isto me parece o menos importante.

– Você antes duvidou da necessidade de algumas das minhas instruções, e agora entende – ela respondeu. – Pode acreditar que isso também será necessário, você vai ver. O que posso pensar de seu amor, se você me recusa coisas tão pequenas em nosso primeiro encontro?

Silas confundiu-se em explicações e desculpas; ela o interrompeu ao olhar para o relógio e juntar as mãos com força, abafando um grito.

– Meu Deus! Já é tão tarde? Não tenho um minuto a perder. Ai de nós, mulheres, que somos escravas! – exclamou. – O que já arrisquei por você...

Depois de repetir as instruções, que matreiramente misturou com carícias e olhares perdidos, ela despediu-se e desapareceu no meio da multidão.

Durante todo o dia seguinte Silas sentiu-se cheio de grande importância. Agora tinha certeza de que ela era uma condessa; quando a noite chegou, ele cumpriu cada detalhe das ordens, e estava na esquina dos Jardins de Luxemburgo na hora marcada. Ninguém estava lá. Ele esperou durante quase meia hora, olhando o rosto de todos os que passavam; chegou mesmo a visitar as outras esquinas do Boulevard, e fez o circuito completo da grade dos Jardins: não encontrou qualquer linda condessa que se jogasse em seus braços. Finalmente, com muita relutância, iniciou o trajeto de volta para o hotel. No caminho lembrou-se da conversa que ouvira entre Madame Zéphyrine e o rapaz louro, e isso lhe provocou uma vaga ansiedade.

“Está parecendo que todo mundo vai mentir ao pobre porteiro”, refletiu.

Tocou a campainha; a portaria foi aberta e o porteiro, em trajes de dormir, ofereceu-lhe uma luz.

– Ele já foi? – o porteiro quis saber.

– Ele, quem? – perguntou Silas rispidamente, irritado com a decepção que sofrera.

– Não vi quando ele saiu – continuou o porteiro. – Mas espero que o

senhor o tenha pagado. Neste hotel não gostamos de hóspedes que não pagam suas dívidas.

– De que diabo está falando? – perguntou Silas com rudeza. – Não estou entendendo uma só palavra destas asneiras.

– O louro baixinho que veio receber a dívida – explicou o outro. – É dele que estou falando. De quem mais poderia ser, se o senhor me deu ordens de não deixar entrar mais ninguém?

– Ora, meu Deus, claro que ele não veio – replicou Silas.

– Eu acredito no que vejo – respondeu o porteiro, pressionando a língua contra a bochecha, com um ar de malandragem que insinuava esperteza.

– Você é um canalha insolente! – exclamou Silas; achando ter feito uma ridícula exibição de rudeza, e ao mesmo tempo desnordeado com tantas preocupações, ele voltou-se e começou a subir correndo as escadas.

– Então não vai querer uma vela? – gritou o porteiro. Mas Silas apenas pôs-se a correr mais, e só parou ao chegar ao sétimo andar, diante de sua própria porta. Ali fez uma pausa para recuperar o fôlego, dominado pelos mais terríveis pressentimentos, quase apavorado de entrar no quarto.

Quando o fez, ficou aliviado ao encontrá-lo às escuras e aparentemente deserto. Respirou fundo; estava em casa, em segurança, e aquela tinha sido sua primeira e última loucura. Os fósforos ficavam na mesinha de cabeceira, e ele pôs-se a tatear o caminho até lá. Enquanto se movimentava, sua apreensão crescia mais e mais, e sentiu alívio, quando esbarrou com o pé em um obstáculo, ao verificar que era apenas uma cadeira. Finalmente tocou nas cortinas. Pela posição da janela, vagamente visível, sabia que devia estar junto ao pé da cama, e bastava-lhe tatear ao longo dela para chegar à mesinha.

Baixou a mão, mas o que encontrou não foi simplesmente a colcha: foi a colcha com algo embaixo, algo com o formato de uma perna. Silas recolheu o braço, e por um instante ficou petrificado.

– Que, que... que é que pode ser isto?

Escutou atentamente; nenhum ruído de respiração. Mais uma vez, e com grande esforço esticou a pontinha do dedo até o lugar onde antes tocara; mas dessa vez saltou meio metro para trás, estremecendo de pavor: havia algo em sua cama. Ele não sabia o que era, mas havia alguma coisa lá.

Passaram-se alguns segundos antes que conseguisse mover-se. Então, guiado pelo instinto, agarrou os fósforos e, mantendo-se de costas para a cama, acendeu uma vela. Assim que a chama se firmou, voltou-se lentamente e olhou para aquilo que temia ver. Certamente, o pior de seus pressentimentos se realizara. A colcha tinha sido cuidadosamente puxada cobrindo o travesseiro, mas modelava o contorno de um corpo humano imóvel; e ao arrancar a coberta, Silas deparou com o rapaz louro que tinha visto no Baile Bullier na véspera: olhos abertos sem expressão, rosto inchado e enegrecido, um fio de sangue escorrendo do nariz.

Silas soltou um grito longo e trêmulo; largou a vela e caiu de joelhos

junto à cama. A terrível descoberta mergulhou-o em um estupor do qual foi arrancado por uma série de batidas na porta, discretas, porém insistentes. Levou alguns segundos para lembrar-se de sua posição, e ao correr para impedir que alguém entrasse já era tarde demais. O dr. Noel, de touca de dormir, carregando um lampião que iluminava seu vulto comprido e branco, empurrou lentamente a porta e avançou para o meio do aposento, virando a cabeça como um pássaro.

– Pensei ter ouvido um grito – declarou o médico. – Temendo que você não estivesse bem, não hesitei em correr para cá.

Silas, de rosto vermelho e coração disparado, manteve-se entre o médico e a cama; mas não teve voz para responder.

– Você estava no escuro, mas nem começou a preparar-se para dormir – insistiu o médico. – Não vai ser fácil me convencer a negar o que meus olhos veem; e seu rosto afirma com muita eloquência que você precisa de um amigo ou de um médico: qual vai ser? Deixe-me sentir seu pulso, que costuma ser um arauto do coração.

Avançou para perto de Silas, que recuava de costas, e procurou segurar-lhe o punho; mas a tensão do jovem americano era forte demais: desviou-se do médico com um movimento febril e, jogando-se no chão, teve um acesso de choro.

Quando o dr. Noel avistou o homem morto na cama, seu rosto ficou sombrio: correndo para a porta que deixara entreaberta, fechou-a depressa e trancou-a.

– Levante-se! – ordenou a Silas em tom penetrante. – Não é hora de chorar. Que foi que fez? Como este corpo veio parar em seu quarto? Fale com franqueza com quem pode ajudá-lo. Acha que esta carne morta em sua cama pode mudar um grau sequer da simpatia que você sempre me inspirou? Jovem crédulo, o horror que um ato inspira perante a lei cega e injusta não se estende a quem o praticou, perante os olhos de quem o ama; se eu visse um amigo do meu coração voltar de um mar de sangue, meu afeto não diminuiria. Levante-se. O bem e o mal são uma quimera; nada existe a não ser o destino, e, sejam quais forem suas circunstâncias, a seu lado existe alguém que vai ajudá-lo até o fim.

Assim encorajado, Silas controlou-se e, em voz entrecortada, auxiliado pelas perguntas do médico, conseguiu finalmente colocá-lo ao corrente dos fatos. Mas omitiu inteiramente a conversa entre o Príncipe e Geraldine, pois pouco compreendera dela e não tinha ideia de que pudesse ter relação com seu próprio infortúnio.

– Coitado! – exclamou o dr. Noel. – Ou você está mentindo para mim, ou então caiu inocentemente nas mãos mais perigosas da Europa. Pobre rapaz, que armadilha foi montada para a sua ingenuidade! A que perigo mortal você se arriscou! Esse homem, esse inglês que você viu duas vezes, e que eu imagino ser o cérebro desse plano, pode descrevê-lo? Era moço ou velho? Alto ou baixo?

Mas Silas, que, apesar de toda a sua curiosidade, tinha olhos que não enxergavam, só pôde dar informações gerais, que pouco contribuíam para a

descrição.

– Deviam ensinar isso em todas as escolas! – exclamou o médico, irritado. – Qual a utilidade da visão e da palavra, se um homem não consegue observar e recordar as feições do inimigo? Eu, que conheço todos os bandidos da Europa, poderia identificá-lo, obtendo novas armas para a sua defesa. No futuro cultive essa arte, rapaz; ela pode lhe ser muitíssimo útil.

– Futuro! – repetiu Silas. – Que futuro há para mim, a não ser a prisão?

– A juventude é a época da covardia, quando os problemas sempre parecem mais negros do que são – declarou o médico. – Mas eu sou idoso, e nunca me desesperei.

– Acha que posso contar essa história para a polícia? – argumentou Silas.

– Claro que não – replicou o médico. – Pelo que já posso ver dos planos de que você foi vítima, por esse lado seu caso é desesperador. Para a estreita visão das autoridades você será infalivelmente o culpado. E lembre-se de que só conhecemos uma parte da trama; os mesmos patifes certamente planejam muitas outras circunstâncias que viriam à luz com uma investigação policial para ajudar a jogar a culpa em sua inocente pessoa.

– Então estou mesmo perdido! – exclamou Silas.

– Não afirmei isto, pois sou um homem cauteloso – disse o dr. Noel.

– Mas olhe para isto! – replicou Silas, apontando o cadáver. – Olhe isto em minha cama; não há como explicá-lo, não há como dispor dele, não há como olhar para ele sem horror.

– Horror? – repetiu o médico. – Não. Quando este tipo de máquina cessa de funcionar, para mim ela não é mais que um mecanismo a ser investigado com um bisturi. Quando o sangue fica frio e estagnado, deixa de ser sangue humano; quando a carne está morta, deixa de ser a carne que desejamos em nossas amadas e respeitamos em nossos amigos. A graça, a atração, o medo, tudo isso já partiu, juntamente com o espírito que lhe dava vida. Acostume-se a encará-lo com frieza, pois se meu plano der certo você terá que passar alguns dias em constante proximidade com isto que agora o horroriza tanto.

– Seu plano? – exclamou Silas. – Que plano é este? Diga-me depressa, doutor, pois mal tenho coragem de continuar a existir.

Sem responder, o dr. Noel voltou-se para o leito e pôs-se a examinar o cadáver.

– Mortinho – murmurou. – Sim, como eu tinha imaginado, bolsos vazios. As etiquetas das roupas foram arrancadas. Trabalho feito com perfeição. Felizmente ele é baixinho...

Silas ouvia com extrema ansiedade. Finalmente, o médico, terminado o exame, sentou-se e dirigiu-se ao jovem americano com um sorriso.

– Desde que entrei em seu quarto, embora meus ouvidos e minha língua tenham ficado tão ocupados, meus olhos não ficaram ociosos.

Percebi há pouco que você tem ali, no canto, uma daquelas geringonças monstruosas que seus conterrâneos carregam para todas as partes do globo: um baú de Saratoga. Até este momento eu nunca tinha conseguido conceber a utilidade desses monstros, mas começo a ter um vislumbre. Se era para facilitar o tráfico de escravos, ou para esconder o resultado do uso indiscriminado de um punhal, não sei. Mas uma coisa vejo com clareza: o objetivo desses caixotes é guardar um corpo humano.

– Isto não é hora de brincadeira! – objetou Silas.

– Embora eu me expresse com certo bom humor – replicou o médico –, o sentido de minhas palavras é inteiramente sério. E a primeira coisa a fazer, meu amigo, é esvaziar seu baú de tudo o que ele contém.

Sob a autoridade do dr. Noel, Silas colocou-se à sua disposição. O baú de Saratoga logo se viu esvaziado de seu conteúdo, que formou um considerável monte no chão; e então, Silas segurando pelos pés e o médico pelos ombros, o corpo do homem assassinado foi tirado da cama e, com certa dificuldade, dobrado e colocado dentro dele. Com muito esforço de ambos, a tampa foi forçada a fechar-se sobre aquela bagagem incomum, e o baú trancado e amarrado pelas mãos do próprio médico, enquanto arrumava no armário e na cômoda o que dele tinha sido retirado.

– Bem, já demos o primeiro passo para a sua libertação – declarou o médico. – Amanhã, ou melhor, hoje, você vai ter que acabar com as suspeitas do porteiro, pagando tudo o que deve ao hotel; enquanto isso, pode confiar a mim os preparativos necessários para um final seguro. Agora venha comigo até meu quarto, onde vou lhe dar um calmante poderoso; pois, faça o que fizer, precisa descansar.

O dia seguinte foi o mais longo da memória de Silas, parecendo que nunca ia acabar. Escondeu-se dos amigos, sentando-se a um canto, em melancólica contemplação, olhos fixos no baú de Saratoga. Suas antigas indiscrições agora lhe eram pagas na mesma moeda; pois o observatório fora novamente aberto, e ele tinha consciência da observação quase constante de Madame Zéphyrine. Aquilo se tornou tão desagradável que finalmente foi obrigado a bloquear o orifício; assim, a salvo de olhares indiscretos, passou grande parte do tempo entre lágrimas e orações.

Tarde da noite o dr. Noel entrou no quarto trazendo na mão um par de envelopes selados sem endereço: um deles bem pesado, o outro tão leve que parecia vazio.

– Silas, chegou o momento de explicar meu plano para a sua salvação – declarou, sentando-se à mesa. – Amanhã de manhã bem cedo o Príncipe Florizel da Boêmia volta para Londres, depois de se divertir por alguns dias no carnaval parisiense. Tive a sorte de, há muito tempo, fazer ao Coronel Geraldine, seu estribeiro-mor, um desses favores tão comuns na minha profissão, que nunca são esquecidos por qualquer das duas partes. Não preciso explicar a natureza da obrigação sob a qual ele se colocou. Basta dizer que eu sabia que ele estaria pronto para me servir de qualquer maneira. Ora, era necessário que você chegasse a Londres sem que abrissem o baú, e parece que a Alfândega coloca sérios obstáculos a isso;

mas imaginei que a bagagem de uma pessoa tão importante quanto o príncipe, por questão de cortesia, passaria sem exame pelas autoridades alfandegárias. Procurei o Coronel Geraldine e consegui resposta favorável. Amanhã, se você for antes das seis horas ao hotel onde o príncipe está hospedado, sua bagagem será anexada à dele, e você viajará como parte da comitiva.

– Pelo modo como fala, parece que eu já conheço o príncipe e o Coronel Geraldine; cheguei mesmo a escutar uma conversa deles no Baile Bullier.

– É bem provável – respondeu o médico –, o príncipe adora misturar-se a todas as camadas da sociedade. Uma vez em Londres, seu trabalho estará quase terminado. Neste envelope mais grosso há uma carta que não ouse endereçar; mas na outra você encontrará indicações da casa aonde deverá levar a carta, juntamente com o baú, que lá será retirado de suas mãos e não mais o incomodará.

– Ai de mim! – exclamou Silas. – Desejo ardentemente acreditar no senhor; mas como é possível? O senhor me mostra um caminho, mas como, eu lhe pergunto, minha mente pode aceitar uma solução tão improvável? Seja mais generoso, faça-me compreender melhor.

O médico pareceu impressionar-se.

– Rapaz, você não sabe como é duro o que você me pede. Mas que seja. Sou agora imune à humilhação; e seria estranho recusar-lhe isto, depois de lhe dar tanto. Saiba, portanto, que embora eu tenha hoje em dia uma vida tão calma, frugal, solitária, voltada para o estudo, quando era mais jovem meu nome era o grito de guerra dos patifes mais perigosos de Londres; e embora fosse objeto de respeito e consideração, minha verdadeira força residia nos relacionamentos secretos, terríveis e criminosos. É a uma dessas pessoas que naquela época me obedeciam que eu me dirijo agora para ajudar você. Eram homens de diferentes origens e habilidades, todos unidos por um solene juramento e trabalhando com os mesmos propósitos. O ramo de negócios era o assassinato. E eu, que lhe falo, por mais inocente que pareça, era o capitão dessa equipe de criminosos.

– Quê? – exclamou Silas. – Um assassino? Um matador profissional? Será que devo apertar sua mão? Será que devo aceitar seus favores? Velho criminoso, quer fazer de mim um cúmplice, aproveitando-se de minha juventude e minha aflição?

O médico riu com amargura.

– O senhor é difícil de agradar, sr. Scuddamore – disse. – Mas agora lhe ofereço a escolha da companhia entre o assassinado e um assassino. Se sua consciência é pura demais para aceitar minha ajuda, basta dizer, e eu partirei imediatamente. Daí em diante você pode cuidar de seu baú e do que há dentro dele como melhor convier à sua consciência.

– Reconheço que estou errado – respondeu Silas. – Deveria ter pensado em sua generosidade ao se oferecer para me ajudar, mesmo antes que eu o convencesse de minha inocência; continuarei a ouvir seus

conselhos com gratidão.

– Ótimo – respondeu o médico. – Percebo que você está começando a aprender algumas lições da experiência.

– Por outro lado, como o senhor se confessa acostumado a esse trágico negócio, e as pessoas que me recomenda são seus antigos colegas e amigos, será que o senhor próprio não poderia fazer o transporte do baú e permitir que eu me livre imediatamente dessa presença detestável?

– Palavra de honra que eu o admiro de coração – replicou o médico. – Se você não acha que eu já me intrometi o suficiente em seus assuntos, acredite que eu penso o contrário. Aceite ou recuse meus serviços como lhe são oferecidos; e não me incomode mais com palavras de gratidão, pois o valor que dou à sua gratidão é ainda menor do que o do seu intelecto. Vai chegar um dia, se você viver o suficiente, em que pensará de modo diferente, e vai se envergonhar do seu comportamento esta noite.

Assim dizendo, o médico ergueu-se da cadeira, repetiu as instruções e partiu sem dar a Silas tempo de responder.

Na manhã seguinte Silas apresentou-se no hotel do príncipe onde foi cortesmente recebido pelo Coronel Geraldine, e aliviado, daquele momento em diante, de todo temor imediato a respeito do baú e seu lúgubre conteúdo. A viagem decorreu sem incidentes, embora o rapaz tenha se horrorizado ao ouvir marinheiros e carregadores das ferrovias reclamarem do peso incomum da bagagem do príncipe. Silas viajava no vagão dos valetes, pois o Príncipe Florizel quis ficar a sós com seu estribeiro-mor. A bordo do vapor, no entanto, Silas atraiu a atenção de Sua Alteza pela melancolia de sua atitude quando olhava para a pilha de bagagem, pois ainda estava cheio de inquietação a respeito do futuro.

– Aquele rapaz deve ter bons motivos de tristeza – comentou o príncipe.

– Este é o americano para quem pedi permissão de viajar com a comitiva de Vossa Alteza – esclareceu Geraldine.

– Você me faz lembrar que tenho sido omissos – disse o príncipe, que, aproximando-se de Silas, dirigiu-se a ele com grande cortesia. – Fiquei encantado, senhor, em poder conceder o desejo que me foi expresso através do Coronel Geraldine. Lembre-se, por favor, de que no futuro terei prazer em ajudá-lo no que for preciso.

Passou então a fazer perguntas sobre as condições políticas da América, que Silas respondeu com sensatez.

– O senhor ainda é bem jovem, mas vejo que é muito sério – disse o príncipe. – Talvez permita que sua atenção se envolva demais com os estudos. Mas talvez, por outro lado, eu esteja sendo indiscreto, tocando em assunto doloroso para si.

– Realmente, tenho motivos para ser o mais infeliz dos homens – declarou Silas. – Nunca um inocente sofreu tanto.

– Não vou pedir que confiem em mim – replicou o Príncipe Florizel. – Mas não se esqueça de que a recomendação do Coronel Geraldine é um passaporte infalível; e que não estou apenas disposto, mas provavelmente

em posição melhor que muitas outras pessoas para prestar-lhe qualquer favor.

Silas adorou a amabilidade daquele grande personagem, mas sua mente logo voltou às suas tristes preocupações, pois nem mesmo a gentileza de um príncipe para com um republicano pode livrar um espírito de suas perturbações.

O trem chegou à estação de Charing Cross, onde os funcionários da Alfândega respeitaram, como de costume, a bagagem do Príncipe Florizel. Carruagens elegantes estavam esperando; e Silas foi levado, com as outras pessoas, para a residência do príncipe. Lá, o Coronel Geraldine procurou-o e declarou-se feliz por ter podido prestar um favor a um amigo do médico, por quem tinha grande consideração.

– Espero que sua porcelana esteja intacta – acrescentou. – Durante toda a viagem as ordens eram de que a bagagem do príncipe fosse tratada com cuidado.

Ordenou então que os criados pusessem uma das carruagens à disposição do jovem cavalheiro e colocassem o baú de Saratoga na parte traseira do carro. Depois o coronel despediu-se, indo cuidar de suas obrigações na casa principesca.

Silas rompeu o lacre do envelope que continha o endereço, e pediu ao imponente laçao que o levasse a Box Court, que começava no Strand. Teve a impressão de que o endereço não era de todo desconhecido do criado, que pareceu espantar-se e pediu que ele o repetisse. Foi com o coração cheio de temor que Silas entrou na luxuosa carruagem e foi levado a seu destino. A entrada da Box Court era demasiado estreita para a passagem do veículo: um beco entre duas grades, com um par de pilares na entrada. Em um desses pilares sentava-se um homem que imediatamente se pôs de pé num salto e trocou um sinal amistoso com o cocheiro, enquanto o criado abria a porta e perguntava a Silas se deveriam retirar o baú de Saratoga, e a que número deveriam levá-lo.

– Ao número três, por favor.

O criado e o homem que estivera sentado no pilar, e até o próprio Silas, tiveram muito trabalho para carregar o baú para dentro; antes que o depositassem à porta da casa em questão, o jovem americano percebeu, apavorado, que várias pessoas tinham parado para observar. Mas bateu à porta com a maior segurança possível, e apresentou o envelope à pessoa que atendeu.

– Ele não está – lhe explicaram –, mas se deixar a carta e voltar amanhã de manhã, poderei dizer-lhe se e quando ele poderá recebê-lo. Gostaria de deixar o baú?

– Muito! – exclamou Silas; logo se arrependia da precipitação e declarou, com a mesma ênfase, que preferia levá-lo consigo para o hotel.

Os observadores zombaram de sua indecisão e seguiram-no até a carruagem com comentários e insultos; Silas, coberto de vergonha e medo, implorou aos criados que o levassem a uma hospedaria calma e confortável, na vizinhança.

A carruagem do príncipe deixou Silas no Hotel Craven, na Craven Street, e partiu imediatamente, deixando-o sozinho com os empregados da hospedaria. Sucedeu que o único quarto vago era um cubículo no quarto andar, voltado para os fundos. Com dificuldades e queixas infinitas, dois carregadores musculosos levaram o baú de Saratoga até lá. Não é preciso dizer que Silas ficou em seus calcanhares durante toda a subida, e a cada curva o coração lhe subia à boca: um passo em falso e o baú voaria por cima do corrimão para cair, com seu conteúdo à mostra, no chão do vestíbulo.

No quarto, ele sentou-se na beirada da cama para se refazer da agonia por que acabava de passar; mal se acomodara, porém, quando se lembrou do perigo de sua situação, ao ver o empregado ajoelhar-se junto ao baú e começar a desatar os complicados nós.

– Pode deixar! – exclamou Silas. – Não preciso de coisa alguma daí.

– Então ele podia ter ficado lá embaixo – resmungou o homem. – Uma coisa tão grande e pesada... O que o senhor tem aí dentro, não posso imaginar. Se for dinheiro, então está provado que o senhor é mais rico que eu...

– Dinheiro? – repetiu Silas, subitamente perturbado.

– Que história é esta de dinheiro? Eu não tenho dinheiro, e você está dizendo bobagem.

– Está bem, capitão – respondeu o empregado, piscando o olho. – Ninguém vai pegar o dinheiro de Vossa Excelência. Está tão seguro quanto no banco. Mas era um caixote pesado, e não me importo de beber um gole à saúde de Vossa Excelência.

Silas insistiu para que ele aceitasse dois napoleões, pedindo desculpas por ser obrigado a pagar com dinheiro estrangeiro, dando sua chegada recente como justificativa. E o homem, resmungando com mais fervor e alternando um olhar de desprezo entre o dinheiro em sua mão e o baú de Saratoga, finalmente concordou em retirar-se.

O cadáver estava dentro do baú de Silas havia quase dois dias; assim que ficou sozinho, o desafortunado americano cheirou todas as frestas e aberturas com a mais completa atenção. Mas o tempo estava frio e o baú de Saratoga ainda guardava seu chocante segredo.

Silas sentou-se perto dele, cobrindo o rosto com as mãos e mergulhando em profunda reflexão. Se não fosse prontamente ajudado, por certo seria logo descoberto. Sozinho em cidade estranha, sem amigos ou cúmplices, se a apresentação do doutor fracassasse, ele era sem dúvida um americano perdido. Lembrou com ironia seus planos ambiciosos; não mais seria o herói e porta-voz de sua cidade natal, Bangor, no Maine; não ascenderia de cargo em cargo, como gostava de imaginar, de honraria em honraria; podia também desistir de toda a esperança de ser aclamado presidente dos Estados Unidos, com uma estátua no pior estilo possível enfeitando o Capitólio em Washington. Ali estava, acorrentado a um inglês morto, dobrado dentro de um baú de Saratoga, de quem ele tinha que se livrar, ou então desaparecer dos quadros da glória nacional!

Eu teria medo de registrar a linguagem empregada por esse rapaz em referência ao médico, ao homem assassinado, a Madame Zéphyrine, aos empregados do hotel, criados do príncipe e, em uma palavra, todos os que fossem remotamente ligados a seu horrível infortúnio.

Desceu para o jantar às sete da noite; mas o ar deprimente do refeitório o desencorajou, o olhar dos outros hóspedes parecia cheio de suspeitas, e seus pensamentos continuavam lá no quarto com o baú de Saratoga. Tinha os nervos tão tensos que deu um pulo da cadeira, derrubando a caneca de cerveja, quando o garçom veio oferecer-lhe queijo.

O garçom convidou-o a passar ao salão de fumar, depois de terminada a refeição; embora preferisse voltar imediatamente para seu perigoso tesouro, não teve coragem de recusar, e assim foi levado escada abaixo ao porão escuro, iluminado a gás, que constituía, e provavelmente ainda constitui, o salão de fumar do Craven Hotel.

Dois jogadores tristes disputavam uma partida de bilhar, cujos pontos eram marcados por um homem virtuoso com ar de tísico. Por um momento Silas imaginou serem eles os únicos ocupantes do aposento, mas logo em seguida seu olhar caiu sobre uma pessoa de aspecto respeitável e modesto, que fumava de olhos baixos no extremo do salão. Constatou de imediato que já tinha visto aquele rosto antes: apesar da completa mudança de roupa, ele reconheceu o homem que encontrara sentado em um pilar na entrada da Box Court e que o ajudara a carregar o baú. O americano simplesmente virou-se e correu, e não parou até estar trancado dentro do quarto.

Lá, durante toda a noite, presa dos pensamentos mais terríveis, velou junto àquele caixote fatal com um corpo morto. A sugestão do empregado de que o baú estava cheio de ouro inspirava-lhe todo tipo de novos terrores, impedindo-o de sequer fechar os olhos; a presença no salão de fumar, e sob um disfarce óbvio, no homem da Box Court convenceu-o de ser mais uma vez o centro de alguma obscura conspiração.

A meia-noite já soara havia algum tempo quando, impelido por suas suspeitas, Silas abriu a porta do quarto e examinou o corredor. Este era mal iluminado por um único bico de gás, e a alguma distância havia um homem dormindo no chão, com o uniforme de um empregado de baixa categoria. Silas aproximou-se na ponta dos pés; o homem estava deitado meio de costas, e o antebraço direito escondia-lhe o rosto. De repente, enquanto o americano ainda estava curvado sobre ele, o dorminhoco retirou o braço e abriu os olhos, e Silas encontrou-se mais uma vez cara a cara com o desconhecido da Box Court.

– Boa-noite, senhor – disse o homem amavelmente.

Mas Silas estava por demais perturbado para encontrar uma resposta, e voltou para o quarto em silêncio.

Quase de manhã, exausto de ansiedade, adormeceu na cadeira, com a cabeça apoiada no baú. Apesar da posição tão incômoda e do travesseiro tão sinistro, seu sono foi longo e pesado, e só acordou bem tarde, com batidas na porta.

Correu a abri-la, e deparou com o empregado do hotel.

– O senhor é o cavalheiro que foi ontem à Box Court?

Silas admitiu tremulamente que era ele.

– Então este bilhete é para o senhor – continuou o empregado, exibindo um envelope lacrado.

Silas abriu-o e encontrou dentro as palavras: “Meio-dia.”

– Ele foi pontual; o baú foi carregado à sua frente por vários criados, e ele próprio convidado a entrar em um aposento onde estava um homem sentado diante da lareira acesa, de costas para a porta. O ruído de tantas pessoas entrando e saindo e o barulho do baú sobre o chão de tábuas nuas não atraíram a atenção do ocupante; Silas ficou esperando de pé, tomado de medo, até que o outro se dignasse a perceber sua presença.

Passaram-se talvez cinco minutos antes que o homem se voltasse lentamente, mostrando ser o Príncipe Florizel da Boêmia.

– Então é assim que o senhor abusa de minha gentileza? – disse, com grande severidade. – Junta-se a pessoas de boa condição social com o único propósito de fugir às conseqüências de seus crimes; agora entendo seu embaraço quando lhe dirigi a palavra ontem.

– Senhor, creia que sou inocente de tudo. Minha culpa é a falta de sorte.

Apressadamente, e com toda a sinceridade, contou ao príncipe a história de sua desgraça.

– Vejo que me enganei – afirmou Sua Alteza, depois de ouvi-lo até o fim. – O senhor não é mais que uma vítima, e, já que não devo puni-lo, pode ficar certo de que farei o possível para ajudá-lo. Agora, vamos ao assunto – continuou. – Abra o baú imediatamente, e deixe-me ver o que contém.

Silas mudou de cor.

– Tenho medo de olhar – confessou.

– Ora, já não olhou antes? Esta forma de sentimentalismo precisa ser combatida – declarou o príncipe. – Um homem doente, a quem ainda podemos ajudar, deveria nos falar mais diretamente ao coração do que um homem morto, que está além da ajuda ou da dor, do amor ou do ódio. Coragem, sr. Scuddamore.

Vendo que Silas ainda hesitava, acrescentou:

– Eu não gostaria de dar outro nome ao meu pedido. O jovem americano reagiu como se despertasse de um sonho, e estremecendo de repugnância pôs-se a soltar as correias e abrir a fechadura do baú de Saratoga. O príncipe ficou observando, em atitude tranqüila, as mãos atrás das costas. O cadáver estava rígido, e custou a Silas um grande esforço, tanto moral quanto físico, retirá-lo do baú e ver-lhe o rosto.

O Príncipe Florizel recuou com uma exclamação de surpresa e sofrimento:

– Ai de mim! Mal sabe, sr. Scuddamore, que presente cruel o senhor me trouxe. Este rapaz pertence à minha própria casa, é irmão de meu querido amigo; e foi a meu serviço que ele assim pereceu nas mãos de

homens violentos e traiçoeiros. Pobre Geraldine – continuou, falando consigo mesmo –, com que palavras vou contar-lhe o destino do irmão? Como posso desculpar-me diante de seus olhos, ou dos olhos de Deus, pelos planos ambiciosos que levaram este rapaz à morte? Ah, Florizel, Florizel! Quando é que você vai aprender a discricção apropriada a esta vida mortal, e deixar de se iludir com a imagem do poder que você tem? Poder! – exclamou. – Quem é menos poderoso? Olho para este jovem que sacrifiquei, sr. Scuddamore, e vejo como ser um príncipe é uma coisa pequena.

Silas comoveu-se com aquela emoção. Tentou murmurar palavras de consolo e pôs-se a chorar. O príncipe, tocado por sua óbvia boa intenção, aproximou-se e tomou-lhe a mão.

– Controle-se – disse. – Nós dois temos muito a aprender, e a partir do nosso encontro de hoje seremos pessoas melhores.

Silas agradeceu-lhe em silêncio, com um olhar afetuoso.

– Escreva o endereço do dr. Noel neste pedaço de papel – continuou o príncipe, levando-o até a mesa. – E permita que eu lhe recomende que quando estiver novamente em Paris evite a companhia desse homem tão perigoso. Ele agiu, neste caso, por generosidade, isto tenho que reconhecer; se estivesse a par da morte do jovem Geraldine, jamais teria enviado o corpo para o verdadeiro criminoso.

– O verdadeiro criminoso! – repetiu Silas, atônito.

– Isso mesmo. Esta carta, que a Providência Divina fez chegar às minhas mãos, foi endereçada a ninguém menos que o próprio criminoso, o infame presidente do Clube dos Suicidas. Não tente saber mais detalhes desse assunto perigoso, mas contente-se em ter escapado tão miraculosamente, e vá embora de imediato. Tenho negócios urgentes, e preciso providenciar agora mesmo o destino deste pobre corpo, que há tão pouco tempo era um rapaz belo e corajoso.

Silas despediu-se, grato, mas ficou por perto da Box Court até ver o Príncipe Florizel partir, em esplêndida carruagem, para uma visita ao Coronel Henderson, da polícia. Mesmo sendo republicano, Silas tirou o chapéu para a carruagem que se afastava, quase com devoção. Na mesma noite partiu de trem para Paris.

Aqui (diz meu escritor árabe) termina A HISTÓRIA DO MÉDICO E DO BAÚ DE SARATOGA. Omitindo algumas reflexões sobre o poder da Providência, bastante pertinentes no original, mas pouco apropriadas ao nosso gosto ocidental, vou acrescentar apenas que o sr. Scuddamore já começou a subir os degraus da fama política, e as últimas notícias o dão como xerife de sua cidade natal.

A aventura do cabriolé

O tenente Brackenbury Rich tornou-se famoso em uma de suas batalhas nas montanhas da Índia. Com suas próprias mãos fizera prisioneiro o chefe inimigo; sua bravura era aplaudida por todos. Quando voltou para casa, debilitado por um feio corte de sabre e uma febre persistente, a sociedade preparou-se para receber o tenente quase como uma celebridade. Mas seu temperamento era marcado pela verdadeira modéstia; a aventura lhe era cara ao coração, mas pouca importância dava à lisonja; assim, esperou o estrangeiro em estações de águas e em Argel até que suas façanhas tivessem sido esquecidas. Chegou finalmente a Londres no início da temporada, discretamente, como desejava; e era como órfão, tendo apenas parentes distantes nas províncias, foi quase como um estrangeiro que se instalou na capital do país pelo qual derramara seu sangue.

No dia seguinte à chegada, jantou sozinho em um clube militar. Apertou a mão de alguns velhos camaradas, e recebeu suas congratulações; mas todos tinham algum compromisso para a noite, de modo que ficou entregue à própria sorte. Estava vestido a rigor, pois tinha pensado em ir a algum teatro. Mas a cidade grande era uma novidade: do ginásio provinciano fora direto para o colégio militar, e de lá para o Império Oriental; agora pretendia ter o prazer de explorar aquele mundo.

Balançando a bengala, tomou rumo pelo centro. Era uma tarde agradável, já escurecendo, de vez em quando ameaçando chuva. A sucessão de rostos à luz dos lampiões mexia com a imaginação do tenente; parecia-lhe poder caminhar para sempre naquela estimulante atmosfera urbana, em meio ao mistério de quatro milhões de vidas. Olhava para as casas e imaginava o que se passava por trás das janelas calidamente iluminadas; olhava para cada rosto, vendo neles um interesse misterioso, criminoso ou amigável.

“Falamos da guerra, mas este é o grande campo de batalha da humanidade”, refletiu.

Começou então a especular por que, tendo caminhado tanto tempo naquele cenário movimentado, não encontrava sequer a sombra de uma aventura.

“Tudo a seu tempo”, pensou. “Ainda sou estranho aqui, e talvez isso transpareça em minhas maneiras. Mas logo serei arrastado para dentro do redemoinho.”

A noite já ia avançada quando uma rajada de chuva fria caiu de repente. Brackenbury parou sob um grupo de árvores e logo avistou um cabriolé de aluguel, o cocheiro fazendo sinal de que estava livre. O cabriolé surgira em hora tão propícia que ele imediatamente ergueu a bengala em resposta, e logo se acomodava dentro da gôndola londrina.

– Para onde, senhor? – perguntou o cocheiro.

– Para onde quiser – respondeu Brackenbury. Imediatamente, a grande velocidade, o cabriolé pôs-se a rodar através da chuva por um labirinto de ruas. Cada casa era tão parecida com a vizinha, com seu jardimzinho na frente, e havia tão pouco a distinguir as ruas desertas, iluminadas por lampiões de gás, que Brackenbury logo perdeu qualquer noção de

direção. Teria acreditado que o cocheiro divertia-se dando voltas em uma pequena área, mas havia na velocidade do veículo um ar de eficiência que o convencia do contrário. O cocheiro tinha um objetivo, apressava-se a alcançar um fim definido; Brackenbury estava, ao mesmo tempo, atônito com a habilidade do cocheiro em achar seu caminho em tal labirinto, e preocupado em imaginar a razão daquela pressa. Ouvira histórias de estrangeiros que levavam a pior em Londres. Pertenceria o cocheiro a uma quadrilha perigosa e violenta? Estaria sendo levado para uma morte cruel?

Mal esse pensamento lhe ocorreu, o cabriolé virou bruscamente uma esquina e encostou diante do portão de uma casa, em uma rua comprida e larga. A casa estava brilhantemente iluminada. Outro cabriolé acabava de partir, e Brackenbury viu um cavalheiro sendo recebido à porta por vários criados de libré. Surpreendeu-o que o cocheiro tivesse parado assim de imediato em frente a uma casa onde havia uma festa; mas não duvidou tratar-se de um acaso, e continuou sentado, fumando placidamente, até ouvir a voz do cocheiro:

– Chegamos, senhor.

– Chegamos? Aonde?

– O senhor mandou que o levasse aonde quisesse, senhor – respondeu o homem, com uma risadinha. – Portando, chegamos.

Brackenbury achou que aquela voz era por demais educada para um homem de posição inferior; lembrou-se da velocidade com que fora levado até ali; e agora ocorria-lhe que o cabriolé era mais luxuoso do que o normal dos carros de aluguel.

– Devo pedir-lhe que se explique – falou. – Pretende me expulsar do carro nesta chuva? Meu bom homem, desconfio que a escolha é minha.

– A escolha certamente é sua – replicou o cocheiro. – Quando eu lhe contar tudo, acho que sei como um cavalheiro feito o senhor vai reagir. Nesta casa há uma festa de cavalheiros. Não sei se o dono da casa é estrangeiro sem amigos em Londres ou se é um homem de ideias estranhas; só sei que fui contratado para sequestrar cavalheiros sozinhos trajados a rigor, quantos eu quisesse, de preferência militares. O senhor tem simplesmente que entrar e dizer que o sr. Morris o convidou.

– Você é o sr. Morris? – quis saber o tenente.

– Ora, não. O sr. Morris é o dono da casa.

– Não é uma maneira comum de recolher convidados – observou Brackenbury. – Mas um homem excêntrico pode muito bem satisfazer um capricho, sem intenção de ofender. E, supondo que eu recuse o convite do sr. Morris, que acontecerá?

– Minhas ordens são de levá-lo ao lugar onde o encontrei e sair procurando outros cavalheiros, até a meia-noite – esclareceu o cocheiro. – O sr. Morris disse que aqueles que não se sentem atraídos por tal aventura não servem para ser seus convidados.

A essas palavras, o tenente na mesma hora tomou sua decisão.

“Afinal, não precisei esperar muito por minha aventura”, refletiu enquanto descia do cabriolé.

Mal pusera os pés na calçada e tateava o bolso à procura de moedas para pagar o cocheiro, quando o carro arrancou, fez meia-volta e partiu por onde viera, na mesma velocidade estonteante. Brackenbury gritou para o cocheiro, que não lhe deu atenção; mas o grito foi ouvido dentro da casa e a porta foi aberta, deixando passar um facho de luz; um criado levando um guarda-chuva desceu correndo os degraus ao seu encontro:

– O cocheiro já foi pago – esclareceu, em tom respeitoso.

E acompanhou Brackenbury até dentro de casa. No vestíbulo, vários outros serviçais ficaram com o chapéu, a bengala e o sobretudo, dando-lhe um cartão com um número, e levaram-no a uma escadaria enfeitada com flores tropicais. No segundo andar, um mordomo sisudo perguntou seu nome e, anunciando “Tenente Brackenbury Rich”, fê-lo passar para a sala de visitas da casa.

Um rapaz jovem, esbelto e singularmente bonito avançou e cumprimentou-o com modos ao mesmo tempo cerimoniosos e amigáveis. Centenas de velas de cera da melhor qualidade iluminavam o aposento, perfumado, como a escadaria, com uma profusão de flores raras e belas. Uma mesa lateral estava carregada de tentadoras iguarias. Vários criados iam de um lado a outro com frutas e taças de champagne. Os convidados eram dezesseis, todos homens, poucos já passados do apogeu da vida e, talvez sem exceção, de aparência corajosa e competente. Estavam divididos em dois grupos: um deles rodeava uma mesa de roleta, o outro rodeava uma mesa de bacará onde um dos convidados fazia a banca.

“Estou entendendo; estou em um cassino particular, e o cocheiro é um informante deles”, pensou Brackenbury.

Observando todos os detalhes, chegou a essa conclusão enquanto seu anfitrião ainda lhe apertava a mão; e foi para ele que seus olhos se voltaram, depois do rápido exame. Observando com atenção, o sr. Morris surpreendeu-o ainda mais do que à primeira vista. A elegância natural de seus modos, a distinção, a amabilidade e a coragem que transpareciam em suas feições não combinavam com a ideia que o tenente fazia do proprietário de uma casa de jogo, e o tom da conversa fazia dele um homem de posição e mérito. Brackenbury sentiu uma simpatia instintiva por seu anfitrião; embora repreendesse a si mesmo por aquela fraqueza, não conseguia resistir a uma certa atração amistosa pela pessoa e pelo temperamento do sr. Morris.

– Ouvi falar do senhor, Tenente Rich – disse o sr. Morris, baixando a voz. – Creia que estou honrado em conhecê-lo. Sua aparência combina com a reputação que o precedeu da Índia. Se o senhor puder esquecer por algum tempo a irregularidade de sua apresentação em minha casa, será para mim não apenas uma honra, mas também um genuíno prazer. Um homem que faz picadinho de um bando de bárbaros – acrescentou, com uma risada – certamente não se assustará com uma quebra de etiqueta, por mais séria que seja.

Levou-o em direção à mesa lateral e insistiu que ele aceitasse alguma coisa.

“Este é um dos homens mais agradáveis e simpáticos que já conheci”, pensou o tenente.

Tomou um pouco de champanhe, que achou excelente; observando que muitos fumavam, acendeu um de seus Manilas e foi postar-se junto à mesa de roleta, onde às vezes fazia uma aposta e outras vezes observava, sorrindo, a sorte dos outros. Enquanto vagava, se deu conta de um intenso escrutínio a que todos os convidados estavam sendo submetidos. O sr. Morris ia de um lado para outro, ostensivamente ocupado com os deveres de anfitrião, mas sempre com um olhar perspicaz, e nenhum dos presentes escapou a seu exame; ele observava a reação dos que perdiam muito, calculava o valor das apostas, parava atrás de grupos que conversavam. Em resumo: não havia uma só característica de qualquer dos presentes que ele não tivesse observado e registrado na memória. Brackenbury começou a se perguntar se aquilo era mesmo uma casa de jogo: parecia muito mais uma investigação particular. Passou a seguir todos os movimentos do sr. Morris; embora o outro tivesse um sorriso pronto, vislumbrou, como se por baixo de uma máscara, um espírito conturbado, aflito, preocupado. As pessoas em volta riam e jogavam, mas Brackenbury perdera o interesse nos convidados.

“Este Morris não está brincando. Algum propósito secreto o move; que o meu seja descobri-lo”, resolveu.

De vez em quando o sr. Morris chamava de lado um dos visitantes; depois de um breve colóquio em uma antessala, voltava sozinho, e o visitante não tornava a reaparecer. Depois de se repetir algumas vezes, essa cena aguçou a curiosidade de Brackenbury.

Resolveu chegar ao fundo daquele pequeno mistério imediatamente e, passando para a antessala, descobriu um recesso da janela, oculto por elegantes cortinas verdes. Ali se escondeu, e não teve que esperar muito até ouvir o som de passos e vozes vindo da sala. Olhando por uma fresta, viu o sr. Morris acompanhando uma figura gorda e corada com a aparência de um caixeiro-viajante, em quem Brackenbury já tinha reparado, por causa da gargalhada escandalosa e dos modos rudes à mesa. Os dois pararam junto à janela, de modo que Brackenbury não perdeu uma só palavra do seguinte discurso:

– Mil perdões! – exclamou o sr. Morris, em tom conciliador. – Se eu parecer rude, tenho certeza de que o senhor prontamente me perdoará. Os acidentes acontecem a todo minuto em uma cidade grande como Londres; e o melhor que podemos fazer é remediá-los o mais rápido possível. Não vou negar que acredito que o senhor cometeu um engano e honrou a minha humilde casa por equívoco; pois, para falar claramente, não me lembro de conhecê-lo. Deixe-me colocar a pergunta sem rodeios desnecessários, pois entre cavalheiros honrados basta uma palavra: na casa de quem o senhor imagina estar?

– Na casa do sr. Morris – respondeu o outro, com uma prodigiosa exibição de perplexidade, que vinha crescendo visivelmente enquanto falava.

– John ou James Morris? – perguntou o dono da casa.

– Na verdade não sei – respondeu o infeliz convidado. – Não conheço pessoalmente esse cavalheiro, assim como não conheço o senhor.

– Entendo – afirmou o sr. Morris. – Há outra pessoa com o mesmo nome no final da rua; tenho certeza de que o policial saberá dar-lhe o número da casa. Cria-me, sou grato ao mal-entendido que me proporcionou o prazer de sua companhia por tanto tempo; e quero declarar que espero que nos encontremos novamente, em situação mais normal. Enquanto isso, não desejo retê-lo por mais tempo longe de seus amigos. John – chamou, erguendo a voz –, quer entregar o sobretudo deste cavalheiro?

Com muita amabilidade o sr. Morris levou o visitante até a porta da antessala, onde o deixou aos cuidados do mordomo. Quando, ao voltar para o salão, passou pela janela. Brackenbury ouviu-o soltar um profundo suspiro, como se estivesse dominado por uma grande ansiedade, com os nervos já sobrecarregados com a tarefa em que se empenhava.

Durante aproximadamente uma hora os cabriolés chegavam com tanta frequência que o sr. Morris recebia um novo conviva para cada um que mandava embora, e o grupo conservou seu número. Finalmente as chegadas diminuíram em número e frequência e acabaram cessando por completo, ao passo que o processo de eliminação continuava no mesmo ritmo. O salão começou a parecer vazio; o bacará foi interrompido por falta de banca; mais de uma pessoa despediu-se por vontade própria. Enquanto isso, o sr. Morris desdobrava-se em amabilidades para com os que ficavam. Ia de grupo em grupo e de pessoa em pessoa com ares da mais pronta simpatia e sempre com uma conversa interessante e agradável; parecia menos um anfitrião do que uma anfitriã, e havia algo de feminino que encantava o coração de todos em sua maneira de agradar.

Quando já eram poucos os convivas, o Tenente Rich deixou o salão por um momento, indo até o vestíbulo em busca de ar fresco. Assim que saiu da antessala, porém, fez uma descoberta surpreendente. As flores tinham desaparecido da escadaria; três enormes carroças de mudanças estavam paradas junto ao portão; os criados ocupavam-se por toda parte em desmanchar a casa; alguns já tinham vestido os sobretudos e preparavam-se para partir. Era como o fim de um baile em casa de campo para o qual tudo fora alugado. Brackenbury tinha mesmo em que pensar: primeiro, os convidados, que afinal não eram convidados de verdade, tinham sido despedidos; e agora os criados, que não podiam ser genuínos, estavam indo embora.

“Será que tudo aqui é de imitação?”, pensou. “Como um cogumelo que dura uma única noite e desaparece antes que chegue a manhã?”

Aproveitando uma oportunidade favorável, Brackenbury correu escada acima, para as regiões mais altas da casa: tudo era como ele imaginara. Passou de um aposento a outro sem ver um único móvel ou sequer um quadro na parede. Embora a casa estivesse pintada e empapelada, não apenas estava vazia no momento, como também nunca tinha sido habitada. O jovem oficial recordou com espanto a aparência confortável, elegante e hospitaleira que o impressionara ao chegar; só mesmo a um custo muito

alto aquela impostura podia ter sido levada a cabo em escala tão grande.

Quem, então, era o sr. Morris? Qual a sua intenção ao bancar assim o anfitrião por uma única noite, na distante zona oeste de Londres? E por que recolhia seus convidados na rua, ao acaso?

Brackenbury tomou consciência de que já se ausentara por tempo demais, e correu a juntar-se aos outros. Muitos tinham partido durante sua ausência; contando o tenente e o dono da casa, não havia mais que cinco pessoas no salão. O sr. Morris dirigiu-lhe um sorriso e imediatamente pôs-se de pé.

– Chegou a hora, cavalheiros, de explicar meu propósito ao desviá-los de seu destino esta noite. Espero que não tenham achado a noitada muito enfadonha; mas devo confessar que meu objetivo não era diverti-los, e sim conseguir ajuda em minha necessidade. Os senhores são todos cavalheiros – continuou. – Sua aparência assim o atesta, e não preciso de melhor garantia. Portanto, falarei sem rodeios: a ajuda que lhes peço é de natureza perigosa e delicada. Perigosa, porque poderão colocar sua vida em risco; delicada, porque terei que lhes pedir sigilo absoluto a respeito de tudo o que verão e ouvirão. Partindo de um perfeito desconhecido, este pedido é uma extravagância quase cômica, eu sei; por isso direi de imediato que, se algum dos presentes não deseja se envolver com segredos perigosos e atos de lealdade quixotesca para com pessoas a quem não conhece, estou pronto para desejar-lhe com toda a sinceridade do mundo boa-noite e que vá com Deus.

Um cavalheiro escuro e muito alto, com acentuada corcunda, aceitou imediatamente.

– Louvo sua franqueza, senhor – afirmou. – Vou partir. Não quero emitir opinião, mas não posso negar que o senhor me enche de suspeitas. Portanto, vou partir, como já disse, e talvez o senhor ache que não tenho o direito de acrescentar palavras ao meu exemplo.

– Pelo contrário – replicou o sr. Morris. – Fico-lhe grato por tudo o que disser. Seria impossível exagerar a gravidade de minha proposta.

– Bem, cavalheiros, que acham? – perguntou o homem alto, dirigindo-se aos outros. – Já tivemos nossa noite de festa; vamos nos retirar em paz, todos juntos? De manhã, quando acordarem inocentes e em segurança, verão o acerto de minha sugestão.

Pronunciou a última frase com veemência, no rosto uma expressão singular, cheia de seriedade e emoção. Outro convidado levantou-se às pressas e, com certo ar de susto, preparou-se para partir. Apenas duas pessoas ficaram: Brackenbury e um velho de nariz vermelho, major da Cavalaria. Esses dois mantinham a tranquilidade e, com exceção de um olhar eloquente que trocaram entre si, pareciam completamente alheios ao diálogo recém-concluído.

O sr. Morris levou os desertores até a porta, fechando-a atrás deles; depois voltou-se, expressando no rosto uma mistura de alívio e entusiasmo, e dirigiu-se aos dois oficiais:

– Escolhi meus homens como Josué na Bíblia, e acho que encontrei os

melhores de Londres. Sua aparência agradou aos meus cocheiros, e depois a mim; observei seu comportamento em companhia de estranhos; estudei como jogam e como se portam ao perder; finalmente coloquei-os em teste com uma declaração assustadora, e os senhores a receberam como se fosse um convite para jantar. Não é à toa que durante anos fui companheiro e aluno do mais corajoso e sábio potentado da Europa!

– No episódio de Bunderchang pedi doze voluntários – declarou o major –, e todos os soldados se ofereceram. Mas um jogo não é a mesma coisa que um regimento em combate. Imagino que o senhor deva ficar satisfeito por ter encontrado duas pessoas, e duas pessoas que não vão decepcioná-lo. Quanto aos dois que fugiram, tenho-os em conta dos maiores covardes que já conheci! – Voltando-se para Brackenbury, acrescentou: – Tenente Rich, ouvi falar muito no senhor ultimamente; e não duvido que o senhor tenha ouvido falar em mim; sou o Major O’Rooke.

E o veterano estendeu a mão, que era vermelha e trêmula, para o jovem tenente.

– Quem não ouviu? – respondeu Brackenbury.

– Depois que nosso pequeno problema estiver resolvido, os senhores considerarão terem sido bem recompensados – declarou o sr. Morris. – Eu não poderia oferecer maior presente aos dois do que apresentá-los um ao outro.

– Então, trata-se de um duelo? – perguntou o Major O’Rooke.

– Uma espécie de duelo – respondeu o sr. Morris. – Um duelo com inimigos desconhecidos e perigosos; um duelo mortal. Mas devo pedir-lhes que não me chamem mais de Morris; podem me chamar de Hammersmith. Ficarei grato se não perguntarem nem procurarem descobrir meu nome verdadeiro, assim como o de uma pessoa a quem espero apresentá-los em breve. Há três dias a pessoa de quem falo desapareceu subitamente de casa; e até esta manhã eu não tinha ideia de sua situação. Podem imaginar meu temor, pois essa pessoa dedicava-se a um ato de justiça particular. Preso por um juramento infeliz, feito levemente, ele acha necessário livrar o mundo de um vilão perigoso, sem a ajuda da lei. Dois de nossos amigos, um deles meu irmão de sangue, pereceram nessa empreitada. Muito me engano, ou ele próprio está preso na mesma rede fatal. Mas pelo menos ainda está vivo e ainda tem esperança, como prova este bilhete.

E o cavalheiro, que não era outro senão o Coronel Geraldine, mostrou-lhes a seguinte carta:

“Major Hammersmith: às 3 horas da madrugada de quarta-feira penetre no jardim da Rochester House, no Regent’s Park, pela portinhola lateral, que será aberta por um homem a meu mando. Devo pedir-lhe que não se atrase um segundo sequer. Por favor traga minha caixa com as espadas e, se puder encontrar, dois cavalheiros dignos e discretos, que nada saibam sobre minha

pessoa. Meu nome não deve ser mencionado.

T. Godall.”

– Mesmo se ele não tivesse qualquer outro título, sua sabedoria já bastaria para fazer de meu amigo uma pessoa cujas ordens devem ser cumpridas – continuou o Coronel Geraldine, depois que os dois homens leram o bilhete. – Portanto, não preciso dizer-lhes que não passei perto de Rochester House; e que ainda ignoro inteiramente a situação do meu amigo. Assim que recebi esta mensagem, fui a um fornecedor que em poucas horas deixou esta casa com a aparência festiva que os senhores encontraram. Meu plano foi pelo menos original; e longe estou de me arrependeu de uma iniciativa que me proporcionou os serviços do Major O’Rooke e do Tenente Brackenbury Rich. Mas os moradores da rua terão uma surpresa amanhã: a casa que esta noite estava cheia de luzes e visitantes estará deserta e à venda. Assim, até os problemas mais sérios têm um lado alegre – acrescentou.

– E nos deixe acrescentar um final alegre – disse Brackenbury.

O coronel consultou o relógio.

– Agora são duas horas – declarou. – Ainda temos uma hora, e há um carro veloz à porta. Digam-me se posso contar com sua ajuda.

– Durante toda a minha longa vida, nunca retirei a mão depois de oferecê-la – afirmou o Major O’Rooke.

Brackenbury, com palavras de simpatia, declarou estar pronto. Depois de beberem algumas taças de vinho, o coronel deu a cada um deles um revólver carregado, e os três entraram na carruagem e seguiram para o endereço em questão.

Rochester House era uma esplêndida mansão à margem do canal. A grande extensão do jardim isolava-a inteiramente dos incômodos da vizinhança. Parecia ser o parc aux cerfs de algum nobre ou milionário importante. Pelo que se podia ver da rua, não havia sinal de luz em qualquer das numerosas janelas da mansão; a casa tinha um ar de abandono, como se os moradores a houvessem deixado havia muito tempo.

O carro foi dispensado, e os três cavalheiros não tardaram em descobrir a portinhola em uma passagem entre dois muros de um jardim. Faltavam ainda dez ou quinze minutos para a hora marcada; a chuva caía forte, e os aventureiros abrigaram-se sob uma árvore, conversando em voz baixa sobre o que os esperava.

De repente Geraldine levantou o dedo pedindo silêncio, e os três se puseram à escuta. Além do ruído contínuo da chuva, ouviram passos de dois homens aproximando-se, atrás do muro; Brackenbury, cuja audição era excelente, conseguiu até distinguir fragmentos da conversa.

– A cova está pronta? – perguntou um.

– Está, sim – respondeu o outro. – Atrás da cerca de loureiros. Se for preciso, poderemos até cobri-la com folhas.

O primeiro soltou uma gargalhada, que chocou os três que ouviam do outro lado do muro.

– Daqui a uma hora – avisou.

Pelo som das passadas, era óbvio que os dois se separavam, tomando direções diferentes.

Quase em seguida a portinhola foi aberta cautelosamente; um rosto branco apareceu, e um aceno de mão chamou os três. Em silêncio cruzaram a porta, que foi imediatamente fechada atrás deles, e seguiram seu guia por várias alamedas até a porta de serviço. Uma única vela queimava na ampla cozinha, que se achava destituída dos móveis costumeiros; e quando o grupo se pôs a subir uma escada em espiral, um grande alarido de ratos deu testemunho ainda mais eloquente do estado de abandono da casa.

O guia ia à frente carregando a vela. Era magro e muito curvado, mas ainda ágil; de vez em quando voltava-se e pedia com gestos silêncio e cautela. O Coronel Geraldine vinha logo atrás, a caixa das espadas sob um braço e uma pistola na outra mão. O coração de Brackenbury batia com força. Ele sabia que não estavam atrasados, mas a excitação do velhote indicava que a hora estava próxima; as circunstâncias daquela aventura eram tão obscuras e ameaçadoras, o lugar parecia tão bem escolhido para os atos mais sinistros, que até um homem mais experimentado que Brackenbury teria sentido certa emoção enquanto fechava a procissão que subia a escada.

No topo, o guia abriu uma porta e fez com que os três oficiais entrassem em um pequeno aposento, iluminado por uma lâmparina fumacenta e um fogo modesto na lareira. A um canto sentava-se um homem na flor da juventude, de aparência nobre e imponente, embora corpulento. Sua atitude e expressão eram de uma calma imperturbável; fumava um charuto com grande prazer e atenção, e sobre uma mesa junto a seu cotovelo havia um cálice com uma bebida efervescente que espalhava um perfume agradável no aposento.

– Bem-vindo! – exclamou, estendendo a mão para o Coronel Geraldine.

– Sabia que podia contar com sua pontualidade.

– Com minha lealdade – replicou o coronel, com uma mesura.

– Apresente-me a seus amigos – continuou o príncipe. Isso feito, ele acrescentou, com perfeita amabilidade: – Cavalheiros, gostaria de poder oferecer-lhes um programa mais alegre; não é de bom-tom iniciar uma amizade com negócios sérios; mas a tirania dos acontecimentos é mais forte que as obrigações do bom companheirismo. Espero e acredito que possam me perdoar esta noite desagradável; para homens de sua categoria, será suficiente saber que estão me fazendo um enorme favor.

– Alteza, perdoe-me a grosseria – disse o major –, mas não posso esconder o que sei. Já há algum tempo venho suspeitando do Major Hammersmith, mas o sr. Godall é inconfundível. Procurar em Londres dois homens que não conheçam o Príncipe Florizel da Boêmia é pedir demais da sorte.

– O Príncipe Florizel! – exclamou Brackenbury, atônito, examinando com o maior interesse o rosto do famoso personagem à sua frente.

– Não lamentarei a perda de meu anonimato, pois isso me permitirá agradecer-lhes com mais autoridade – respondeu o príncipe. – Tenho certeza de que os senhores fariam pelo sr. Godall o mesmo que pelo Príncipe da Boêmia; mas este último pode talvez fazer mais pelos senhores. Quem sai ganhando sou eu – acrescentou com cortesia.

No momento seguinte ele conversava com dois oficiais a respeito do exército indiano e as tropas nativas, um assunto do qual, como de todos os outros, tinha um conhecimento notável e opiniões muito sensatas.

Havia algo tão impressionante na atitude desse homem em um momento de perigo mortal que Brackenbury foi tomado de respeitosa admiração; tampouco ficava insensível ao encanto de sua conversa ou à surpreendente nobreza de sua postura. Cada gesto, cada entonação, não era apenas nobre em si, mas parecia enobrecer o feliz mortal a quem era dirigido; e Brackenbury confessou a si mesmo, com entusiasmo, que aquele era um soberano por quem um homem corajoso poderia de boa vontade dar a própria vida.

Assim se passou algum tempo, até que a pessoa que os introduzira na casa, e que fora sentar-se a um canto com o relógio na mão, levantou-se e sussurrou uma palavra ao ouvido do príncipe.

– Está bem, dr. Noel – respondeu Florizel, dirigindo-se depois aos outros: – Vocês me desculparão se eu tiver que deixá-los às escuras. O momento se aproxima.

O dr. Noel apagou a lâmparina. Uma luz fraca e cinzenta, antecipando o amanhecer, iluminava a janela, mas não era suficiente para clarear o aposento; quando o príncipe se pôs de pé, era impossível distinguir suas feições ou adivinhar a natureza da emoção que obviamente o dominava. Ele foi até a porta e colocou-se a um lado, em atitude de total atenção.

– Tenham a bondade de manter o mais completo silêncio e se ocultar na sombra.

Os três oficiais e o médico obedeceram, e por quase dez minutos o único ruído em Rochester House era causado pelos ratos por trás dos painéis de madeira. Ao fim desse tempo, o ranger de uma dobradiça se fez ouvir com surpreendente clareza; logo em seguida, homens puderam distinguir passadas lentas e cautelosas subindo a escada. A cada dois passos o intruso parecia estacar e escutar, e durante esses intervalos, que pareciam intermináveis, uma inquietação profunda dominava o espírito dos aventureiros. Dr. Noel, acostumado a emoções perigosas, sofria uma prostração física que dava pena; o ar assobiava em seus pulmões, os dentes batiam uns nos outros e as juntas estalavam quando ele, em seu nervosismo, mudava de posição.

Finalmente alguém moveu a maçaneta, e o trinco recuou com um leve estalido. Seguiu-se outra pausa, durante a qual Brackenbury viu o príncipe respirar fundo, como quem se prepara para um esforço incomum. Então a porta abriu-se, deixando entrar um pouco mais da luz da manhã; e a figura

de um homem apareceu na soleira, imobilizando-se em seguida. Ele era alto e levava na mão uma faca. Mesmo na penumbra do aposento seus dentes superiores brilhavam, pois ele tinha a boca aberta como a de um cão prestes a saltar. O homem parecia haver, minutos antes, mergulhado na água, que respingava de suas roupas molhadas.

No instante seguinte ele cruzou a porta. Houve um salto, um grito abafado, uma escaramuça breve; antes que o Coronel Geraldine pudesse correr em sua ajuda, o príncipe dominou o intruso, segurando-o pelos ombros, desarmado e indefeso.

– Dr. Noel, faça o favor de acender a lamparina – pediu.

Entregando o prisioneiro a Geraldine e Brackenbury, ele atravessou o aposento e foi encostar-se no consolo da lareira. Com a lamparina acesa, o rosto do príncipe revelou uma severidade inusitada. Não era mais Florizel, o cavalheiro despreocupado: era o Príncipe da Boêmia, tomado de justo furor e com propósitos mortais, quem erguia a cabeça e dirigia-se ao cativo presidente do Clube dos Suicidas.

– Presidente, o senhor armou sua última cilada, e foi sua própria vítima. O dia está começando; esta será sua última manhã. O senhor acabou de atravessar o Regent's Canal a nado; foi seu último banho neste mundo. Seu antigo cúmplice, o dr. Noel, em vez de me trair, entregou o senhor em minhas mãos, para que eu o julgue. E a sepultura que você preparou para mim esta tarde irá servir, pela Providência Divina, para esconder sua morte da curiosidade dos homens. Ajoelhe-se e reze, senhor, se tiver inclinação para isso; pois seu tempo é pouco, e Deus está cansado de suas iniquidades.

O presidente não deu resposta; continuou de cabeça baixa, olhos no chão, consciente do olhar fixo e acusador do príncipe.

– Cavalheiros – continuou Florizel, retomando seu tom normal de conversa –, este homem há muito foge de mim, mas agora, graças ao dr. Noel, eu o tenho nas mãos. Contar a história de suas maldades tomaria mais tempo do que dispomos agora; se o canal contivesse apenas o sangue de suas vítimas, este patife estaria tão molhado quanto o veem agora. Mas mesmo assim eu desejo preservar as formalidades da honra. Os senhores serão os juizes, pois isto é mais uma execução do que um duelo: dar a este bandido a escolha das armas seria exagerar na cortesia; não posso me arriscar a perder a vida nas mãos deste canalha – continuou, abrindo a caixa das espadas. – A bala de uma pistola viaja nas asas da sorte, e muitas vezes a habilidade e a coragem levam a pior diante de um trêmulo atirador; portanto, decidi escolher as espadas, e estou certo de que aprovarão minha decisão.

Quando Brackenbury e o Major O'Rooke, a quem essas palavras foram dirigidas, manifestaram sua aprovação, o príncipe continuou:

– Depressa, escolha uma espada e não me faça esperar; estou louco para acabar com o senhor para sempre.

Pela primeira vez desde que foi capturado e desarmado, o presidente ergueu a cabeça; era óbvio que começava a recobrar a coragem.

– Será um duelo clássico, só entre nós dois? – perguntou.

– Pretendo dar-lhe esta honra – respondeu o príncipe.

– Ora! – exclamou o presidente. – Em um duelo de honra, quem sabe o que pode acontecer? Devo dizer que considero generoso o comportamento de Sua Alteza; se o pior acontecer, morrerei pelas mãos de um dos mais valentes cavalheiros da Europa.

O presidente, liberto por aqueles que o prendiam, aproximou-se da mesa e dedicou-se, com minuciosa atenção, a escolher uma espada. Parecia eufórico, certo de que sairia vitorioso. Os espectadores ficaram alarmados diante de tamanha confiança, e rogaram ao Príncipe Florizel que reconsiderasse sua intenção.

– Será apenas uma farsa – respondeu ele. – E acho que posso lhes prometer, cavalheiros, que não vai durar muito.

– Por favor, Alteza, tenha cuidado – pediu o Coronel Geraldine.

– Geraldine, você alguma vez me viu negar uma dívida de honra? Devo a você a morte deste homem, e você a terá.

O presidente afinal contentou-se com uma das espadas, e mostrou estar pronto, com um gesto que não era despido de resquícios de nobreza. A proximidade do perigo e a sensação do desafio emprestavam, mesmo àquele detestável vilão, um ar másculo e alguma elegância.

O príncipe pegou uma espada ao acaso.

– Coronel Geraldine e dr. Noel, tenham a bondade de esperar nesta sala – pediu. – Não quero que um amigo pessoal se veja envolvido neste caso. Major O’Rooke, o senhor é um homem de certa idade e de reputação estabelecida: deixe-me entregar o presidente em suas boas mãos. O Tenente Rich fará a gentileza de ser meu padrinho neste duelo; para um rapaz jovem, é sempre bom ter este tipo de experiência.

– Alteza, fico extremamente honrado – respondeu Brackenbury.

– Ótimo – replicou o príncipe. – Espero poder mostrar-me seu amigo em circunstâncias mais importantes.

O grupo saiu do aposento e desceu a escada. Os dois que ficaram abriram a janela e se debruçaram, esforçando-se para captar qualquer indício dos trágicos acontecimentos que estavam prestes a ocorrer. A chuva tinha parado; o dia estava raiando, e os pássaros cantavam nos arbustos e nas árvores do jardim. O príncipe e seus companheiros ficaram visíveis por um momento, ao seguir por uma alameda entre dois arbustos em flor; mas logo a vegetação escondeu-os. Isso foi tudo o que o coronel e o médico tiveram oportunidade de ver; o jardim era tão grande, e o local do combate evidentemente tão afastado, que nem mesmo o ruído das lâminas das espadas chegou até eles.

– Ele os levou na direção da sepultura – comentou o dr. Noel, estremeecendo.

– Que Deus proteja os justos! – exclamou o coronel. E esperaram em silêncio, o médico tremendo de medo, o coronel suando frio. Muitos minutos se passaram: o dia estava sensivelmente mais claro, e os pássaros cantavam mais alto no jardim, antes que o som de passos fizesse com que

os dois olhassem para a porta. Eram o príncipe e os dois oficiais. Deus protegera os justos.

– Estou envergonhado de minha emoção – declarou o Príncipe Florizel. – Sinto que ela é indigna de minha posição. Mas saber que aquele cão dos infernos estava vivo era como uma doença que me perseguia, e a morte dele me revitalizou mais do que uma noite de sono. Olhe, Geraldine! – exclamou, jogando a espada no chão. – Eis o sangue do homem que matou seu irmão. Deveria ser uma visão agradável; no entanto, vejam como os homens são estranhos! Minha vingança ainda não tem cinco minutos e já começo a me perguntar se a vingança pode mesmo ser alcançada neste precário estágio da vida. Quem poderá desfazer o mal que ele fez? Com sua carreira, conseguiu enorme fortuna, pois até a casa em que morava lhe pertencia; essa carreira agora faz parte do destino da humanidade para sempre; eu poderia cansar-me de tanto golpeá-lo com a espada, e o irmão de Geraldine nem por isso estaria menos morto, e mil outras pessoas inocentes não deixariam de estar desonradas! A existência de um homem é tão fácil de destruir e tão poderosa de ser vivida! Ai de mim, existe algo na vida tão decepcionante quanto realizar nossos desígnios?

– Foi feita a Justiça Divina – replicou o médico. – Eu fui testemunha disso. Alteza, a lição foi cruel para mim, e espero minha vez com angústia mortal.

– Que dizia eu? Apliquei o castigo, e aqui está o homem que pode me ajudar na reconstrução. Ah, dr. Noel, o senhor e eu temos diante de nós muitos dias de trabalho duro e honrado; e talvez, quando terminarmos, o senhor tenha mais do que se redimido de seus antigos erros.

– Enquanto isso, deixe que eu vá enterrar meu mais antigo amigo – disse o médico.

(E esta, observa o erudito árabe, é a feliz conclusão da história. É desnecessário dizer que o príncipe não esqueceu aqueles que o ajudaram nesta grande aventura; até hoje sua autoridade e influência os auxiliam em suas carreiras públicas, ao passo que sua amizade generosa alegra suas vidas particulares. Se juntássemos, continua o autor, todos os acontecimentos em que esse príncipe fez o papel de Providência Divina, encheríamos o planeta de livros.)

Copyright © 1986 by Fernando Sabino

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º- andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Conversão para E-book
Freitas Bastos

Capa

retina78.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S868c

Stevenson, Robert Louis, 1850-1894

O clube dos suicidas [recurso eletrônico] / Robert Louis Stevenson;

organização e apresentação Fernando Sabino; tradução Eliana Sabino. Rio
de Janeiro: Rocco Digital, 2012.

recurso digital (Novelas imortais)

Tradução de: The suicide club

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de Acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-017-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção escocesa. 2. Livros eletrônicos. I. Sabino, Fernando, 1923-2004.
II. Sabino, Eliana Valadares. III. Título. IV. Série.

11-8510.

CDD – 828.99113

CDU –

821.111(411)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.